

convergencia

JULAGO — 1992 — ANO XXVII — Nº 254



- **JESUS CRISTO: ONTEM, HOJE E SEMPRE**
Dom Erwin Kräutler, CSSP — página 353
- **O ESPÍRITO SANTO PROTAGONISTA DA MISSÃO**
Irmã Maria Sônia Müller, SSPS — página 377

CONVERGÊNCIA

Revista da
Conferência
dos Religiosos
do Brasil: CRB



Diretor-Responsável:
Pe. Edênio Valle, SVD

Redator-Responsável:
Padre Marcos de Lima, SDB
(Reg. 12.679/78)

Equipe de Programação:
Pe. Atico Fassini, MS
Ir. Lina Boff, SMR
Fr. Luiz Fernando Peixoto, OFM
Pe. Spencer Custódio Filho, SJ

Direção, Redação, Administração:
Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4º / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299 / 20031 RIO DE JANEIRO - RJ.

Assinaturas para 1992

Brasil, taxa única:	
terrestre ou aérea.....	Cr\$ 37.500,00
Exterior: marítima.....	US\$ 45,00
aérea.....	US\$ 60,00
Número avulso.....	Cr\$ 3.750,00

Os artigos assinados são da responsabilidade pessoal de seus autores e não refletem necessariamente o pensamento da CRB como tal.

Composição: Linolivre S/C Ltda., Rua Dr. Odilon Benévolo, 189 — Benfica — 20911 Rio de Janeiro, RJ.

Fotocomposição: Estúdio VM — Composições Gráficas, Ltda., Rua Escobar, 75, s. 202 — São Cristóvão — 20940 Rio de Janeiro, RJ.

Impressão: Oficinas Gráficas da Editora Vozes Ltda., Rua Frei Luís, 100 — Centro — 25685 Petrópolis, RJ.

Nossa Capa

Detalhe do mural de Claudio Pastro '500 Anos de Evangelização do Brasil', em Vila Kostka, Itaici, SP. Eis como o descreve o Pe. J. Ramón de la Cigoña em seu livro 'Arte em Itaici', à página 10: "Século XVII. Ressalta a figura do Padre Antonio Vieira, grande orador jesuíta (1608-1697). Vieira tenta rejeitar, com a mão direita, os navios holandeses que se aproximam da costa de Salvador. Diante do Santíssimo exposto (e por mais de 15 dias!), fez belíssimos sermões entre eles aquele contra os holandeses (1640): 'Como a causa, Senhor, é mais vossa do que nossa'". Pe. Antônio Vieira nasceu em Lisboa e morreu em Salvador, BA. Teve uma larga e tumultuada experiência de vida: intensa atividade diplomática em Haia (Holanda) e Rouen (Fran-

ça). Vítima de intrigas políticas, é condenado pela Inquisição e encarcerado por dois anos em Lisboa. Brilhante em missão em Roma. Orador de fama em toda a Europa. Partidário eventual do sebastianismo, exerceu forte influência junto à corte de Dom João IV. Seus Sermões (15 volumes) são um monumento de Literatura Barroca e de Ciência Política. **Catequista**, apela para Deus. **Político** nacionalista, investe contra os hereges do Príncipe Maurício de Nassau. **Missionário**, se consagra à conversão do gentio e à luta contra a escravização do índio aldeado e instruído nos rudimentos da fé. Percorreu 600 léguas de florestas. Construiu 16 igrejas. Conseguia se expressar em sete línguas nativas, o que facilitou seu trabalho catequético. No espírito da Cruzada e da Conquista espiritual, onde o colonizador é missionário e o missionário é colonizador, a Catequese, por vezes, fica resumida assim: fazer do índio bravo um índio manso; do gentio, um cristão; do nômade, um sedentário, usando como estratégia, a violência. Na Catequese, na Evangelização, importante não é só o que já aconteceu, mas o que cada um pode ainda fazer acontecer para inculturar a fé, ou seja: discernir os valores autênticos da cultura, conhecer suas raízes, assumir o que é compatível, purificá-la, redimi-la. Lendo **Convergência**, mensalmente, em 1992, Você descobrirá esta perspectiva com relação à Vida Religiosa (Pe. Marcos de Lima, SDB).

Registro na Divisão de Censura e Diversões Públicas do D.P.F. sob o n.º 1.714-P.209/73.

SUMÁRIO

EDITORIAL.....	321
INFORME DA CRB.....	323
ASPECTOS MARCANTES DAS DIRETRIZES DA IGREJA NO BRASIL Pe. José Ernane Pinheiro.....	330
MISSÃO E HISTÓRIA Pe. Paulo Suess.....	341
JESUS CRISTO: ONTEM, HOJE E SEMPRE Dom Erwin Kräutler, CSSP.....	353
A PRÁTICA MISSIONÁRIA DE JESUS DE NAZARE E DOS SEUS DISCÍPULOS GRAM/CRB Nacional.....	369
O ESPÍRITO SANTO PROTAGONISTA DA MISSÃO Ir. Maria Sônia Müller, SSPS.....	377

EDITORIAL

VIDA RELIGIOSA: ECLESIALIDADE E MISSÃO

Em julho, cerca de 500 Provinciais e Delegados (as) estarão reunidos em São Paulo, por ocasião da **XVI.ª A.G.O. DA CRB**. É um momento importante da nossa caminhada e missão no seio da Igreja do Brasil, com plena consciência dos demais amplos compromissos que a Vida Religiosa tem em nível mundial. O marco do V.º Centenário, o apelo da Nova Evangelização e a Conferência de São Domingos serão o provocador cenário de fundo, contra o qual buscaremos retomar a consciência da dimensão eclesial de nossa vocação e missão hoje.

As palavras das Diretrizes Gerais da CNBB (n.ºs 283-285) podem muito bem introduzir o que a Vida Religiosa do Brasil fará no 16.º de seus encontros, repetidos a cada três anos.

“Em recente carta, o Papa João Paulo II resume a participação dos religiosos e religiosas da AL na nova Evangelização nestes termos: pôr-se a serviço do Reino, a partir de uma profunda experiência de Deus, com o espírito dos Fundadores, em estreita colaboração com os sacerdotes e os leigos, participando da evangelização da cultura e da evangelização fora das próprias fronteiras. No que se refere

à evangelização, os religiosos e religiosas do Brasil, nos últimos anos, redescobrem sua dimensão eclesial, através da inserção nas Igrejas particulares, num crescente compromisso com a pastoral de conjunto.

Além das tarefas tradicionais nas áreas da educação, da saúde e das obras de assistência e caridade e da participação nas atividades pastorais na comunidade eclesial, a Vida Religiosa, sobretudo feminina, redescobriu recentemente novos campos. Exerce seu ministério profético, através de comunidades inseridas no mundo rural e nas periferias das cidades. Igualmente o faz através da participação na pastoral, pela animação de comunidades eclesiais de base e pastorais específicas de natureza social, tais como a CPT, CPO, CIMI, Pastoral do Menor, Pastoral da Criança etc. Nesse processo, a Vida Religiosa tem-se renovado também por dentro dela mesma, apofundando sua consagração a Deus na vivência dos Conselhos Evangélicos. Esse é, sem dúvida, o melhor serviço que o Povo de Deus espera dela. Com efeito, sua “força pastoral” lhe vem sobretudo do fato de ser expressão do seguimento de Cristo no meio do Povo de Deus e sinal de esperança para ele.

Contudo, pela inserção na Igreja particular e na sociedade, ela pode se defrontar com alguns riscos. Em sua relação com a Igreja particular, de um lado, há o risco de fazer uma pastoral sem ligação orgânica com a Igreja local e, de outro, o de reduzir a Vida Religiosa a tarefas pastorais. Em sua relação com a sociedade, há riscos a evitar,

tais como o do isolamento da realidade conflitiva da sociedade, formando um mundo à parte ou então, o da redução da Vida Religiosa ao ativismo social. O desafio consiste em cuidar para que a Vida Religiosa se insira na realidade como fermento novo e como testemunho evangélico”.

Pe. Edenio Valle, SVD
Presidente Nacional da CRB

PÉ DE PÁGINA

Pe. Marcos de Lima, SDB

Agir com lealdade

Bíblia — “Por que olhas o cisco no olho do teu irmão e não percebes a trave no teu próprio olho?”, Lc 6, 41.

Leitor — Agir com lealdade para não assumir, com hipocrisia, o dever da correção fraterna. O perigo da hipocrisia só é superado quando a conduta exterior coincide com a intenção interior. Os gestos da mão, os traços do rosto, em sintonia com o coração.

Celebrar os 500 anos de Evangelização

— *Por que celebrar? A realidade não é por demais contraditória?*

Precisamente por ser contraditória exige-se celebração. A festa reúne esforços. Planeja utopias para o futuro. Toma consciência do cotidiano infeliz. A celebração é desafio, é visão crítica das ações que foram ineficazes. A festa provoca o desejo de novo impulso e rumo novo.

— *Mas celebrar não é um desperdício?*

Não. Sem cair nas implicações teóricas, toda festa merece um pouco de esbanjamento. A celebração pertence à classe das coisas inúteis, porém necessárias e indispensáveis. Eliminar a festa é diminuir a vida. A celebração une o passado, não ultrapassado, e o futuro. Celebra-se o que se vive e o que se espera viver. É momento-chave. Pela festa se habilita, de forma crítica, à construção de um novo capítulo na história que se deseja viver.

I N F O R M E

CONFERÊNCIA DOS RELIGIOSOS DO BRASIL

V ENCONTRO DE FRANCISCANOS NEGROS DO BRASIL — 1992

I. INTRODUÇÃO

Reunidos em Petrópolis, R'io de Janeiro, nós franciscanos negros provenientes de 8 diferentes localidades do Brasil e Províncias — da Imaculada Conceição do Brasil e do Rio Grande do Sul OFM Cap.; Vice-Província das Sete Alegrias de Nossa Senhora, Mato Grosso do Sul; e Vice-Província Nossa Senhora da Assunção, Maranhão/Piauí, procuramos aprofundar o apelo dos **MINISTROS GERAIS DAS ORDENS FRANCISCANAS**, em seu recente documento de 25/12/91 sobre o **V CENTENÁRIO DE EVANGELIZAÇÃO DA AMÉRICA**, onde solicita que todos os franciscanos empreendam uma releitura destes 500 anos, dando também um caráter de **"EXAME DE CONSCIÊNCIA"**.

II. 500 ANOS E A DIVERSIDADE DE INTERPRETAÇÕES

"Estamos conscientes da diversidade dos níveis de interpretações a propósito deste acontecimento e das diferentes tomadas de posição existentes dentro da mesma Igreja e de nossa família franciscana. Essas interpretações e to-

mas de posição são conseqüências dos lugares sociais distintos e das visões também distintas que existem, sejam a nível histórico, sociológico e teológico" (cf. doc. dos Ministros Gerais). Completamos este enfoque destacando que é fundamental perguntarmo-nos: considerando a prática e mística de Jesus, que interpretação ele daria destes 500 anos? — Nós, franciscanos negros, temos convicção de que Deus abençoa nossa interpretação e caminhada, pois partimos de uma situação de povo oprimido. Temos consciência de que todos os avanços verificados ao longo da história da Igreja foram precedidos de tensões e, a exemplo de Jesus, de sacrifícios de alguns. A visão profética sempre trouxe tensão. Temos consciência de que a nossa articulação de franciscanos negros traz em seu bojo o vigor profético. Devido as dificuldades de quem está na situação de enxergar os graves erros de evangelização que repetem nas missões de hoje o falar profético passa a ser o falar para o amanhã, para a etapa do "Reino vindouro", como destaca os Ministros Gerais em seu documento: "contemplar nos empobrecidos de hoje o rosto de Nosso Senhor Jesus Cristo, pobre e crucificado, como o fez nosso Pai e Irmão Francisco de Assis, em sua época. Hoje, como em todos os tempos eles são o 'sacramento' da presença do Se-

nhor Crucificado e Ressuscitado em sua história. Na verdade, muitas vezes, eles têm sido os verdadeiros profetas do Reino vindouro”.

III. 500 ANOS E A ARTICULAÇÃO DA COMUNIDADE NEGRA

Sabemos que o caminho para acelerar a vinda do Reino de Deus para o povo negro é o despertar e o fortalecimento da consciência deste povo. Alegra-nos muito percebermos sinais de perseverança de vários grupos negros de leigos que se articulam na base. Alegra-nos igualmente ver nascer pequenas sementes a nível de negros nas congregações religiosas. Alguns exemplos:

- a) CONNEC — Comissão Nacional de Negritude Capuchinha;
- b) 1º Encontro Xaverianos Negros;
- c) 1º Encontro de Combonianos Negros;
- d) II Encontro das Religiosas Negras da Assunção;
- e) IV Encontro das Religiosas Negras de Jesus Crucificado;
- f) I Encontro das Religiosas Negras Franciscanas Nossa Senhora dos Anjos;
- g) X Encontro de Religiosos, Seminariantes e Padres Negros do Rio de Janeiro (CRB);
- h) IV Encontro de Padres e Bispos do Brasil;
- i) Encontro dos Religiosos Negros de São Paulo (CRB).

Nossa alegria se amplia ao olharmos para a nossa Afro-América (América

Latina) e Estados Unidos e vemos os preparativos em andamento para:

- a) X Assembléia Nacional de Delegados do Movimento Negro CIMARRON, Colômbia;
- b) I Encontro de Sacerdotes, Religiosos e Leigos Negros da Colômbia;
- c) I Encontro de Religiosos (as) Negros do Equador;
- d) VI Encontro da Pastoral Afro-Latino-Americana;
- e) VII Congresso dos Negros Católicos dos E.U.A.;
- f) Encontro Nacional de Bispos, Padres e Diáconos Negros dos E.U.A.;
- g) Conferência Pan-Africana do Clero Negro (África, Américas e Caribe) sobre os 500 anos — E.U.A.

Todos estes eventos vem confirmar que o Espírito de Deus nos guia na luta em favor da igualdade autêntica, em direção à grande utopia anunciada pelo Homem de Nazaré.

IV. 500 ANOS E LITURGIA AFRO

Ao longo desses 500 anos a Igreja presente em terra de missão não deu o merecido valor à cultura indígena e negra, marginalizando-as em suas expressões litúrgicas. A ausência de inculturação que hoje percebemos na prática celebrativa da Igreja é a melhor prova para o que estamos falando.

A reflexão, debate e experiências práticas sobre **LITURGIA AFRO** ocuparam, merecidamente, a metade do tempo do encontro. Acreditamos que por aí passa uma das fortes contribuições que estamos fazendo à Igreja hoje. A celebra-

ção Afro na Igreja Velha do Pilar, Duque de Caxias, construída por volta de 1610, foi um dos momentos mais fortes de experiência de presença de Deus em nossas vidas. A maciça participação do povo das comunidades fez aumentar em nós a convicção de que nossas celebrações Afro devolvem ao povo a liturgia popular, envolvente, onde o mistério da ressurreição retoma o seu sentido amplo e profundo.

Elencamos mais de dez pontos novos trazidos à tona por nossa caminhada litúrgica de negros na base. Estes aspectos novos estão impulsionando uma reforma litúrgica pelas bases, com o apoio da CNBB, através do documento base da CF — 88, nº 150.

V. 500 ANOS E POSICIONAMENTO DA IGREJA

Preocupou-nos constatar que, de um modo geral, a cúpula da Igreja teve uma posição pouco profética frente à vergonhosa ideologia da escravidão e da busca desenfreada de lucro (domínio do econômico) por parte dos colonizadores europeus. Os poucos padres que se posicionaram contra o "status quo" foram perseguidos, marginalizados ou expulsos da área de missão. Agradecemos a Deus pela posição corajosa (dentro do contexto daquele tempo) dos seguintes padres:

- a) Frei Antonio de Montesino, Espanhol, 1530;
- b) Luiz de Molina, Espanhol, 1600;
- c) Alonso de Sandoval — Espanhol, 1651.

Estes e outros deram testemunho de que o verdadeiro ato de evangelizar é

estar em sintonia com a justiça do Reino, posicionando e, até sofrendo ao lado dos pequenos, e não compondo-se com o poder estabelecido para fazer sobreviver a Instituição. Nos sentimos orgulhosos com a corajosa carta encaminhada ao Papa Leão XIII por nosso irmão negro Joaquim Nabuco em 16 de janeiro de 1888, defendendo com garra os direitos do nosso povo negro.

O estudo dos vários documentos e posicionamentos conflitivos ligados à escravidão e luta do negro, que nos proporcionou o assessor Frei Elói Piva, fez-nos ver que o "jogo de poder" se repete ao longo da história. Em especial achamos fundamental destacar a carta encaminhada pelo Presidente do Conselho de Ministros do Império, Barão de Cotegipe, 09 de março de 1888, combatendo e querendo desacreditar a carta do nosso irmão negro Joaquim Nabuco, frente ao Papa Leão XIII.

Mais uma vez trazemos à tona a carta dos nossos Ministros Gerais Franciscanos quando nos chama atenção, lembrando-nos que os "lugares sociais distintos" determinam o grau e tipo de empenho, defesa e posicionamento frente aos massacrados pelos violentos jogos de interesses que sempre determinaram e determinam o viver da sociedade.

VI. CONCLUSÃO

Acreditamos que nossos corajosos antepassados, mártires e heróis, em especial o nosso Santo Francisco, "o Prezinho" (Recife 1695) estiveram conosco durante todo o encontro, pois o encontro foi muito rico e frutuoso.

Agradecemos ao nosso assessor, Frei Elói Piva, professor de História da

Igreja do Instituto Teológico Franciscano, pelas ricas contribuições através dos vários documentos históricos que conosco refletiu. Agradecemos a nossa Ordem Franciscana na pessoa de todos aqueles que têm contribuído com esta caminhada, especialmente aos confrades do Convento do Sagrado Coração de Jesus, Petrópolis, pelo acolhimento e compreensão. PAZ E BEM.

Frey Athaylton J. M. Belo
Frei Damião dos Santos
Frei João Muniz Alves
Frei Pedro de Oliveira

II ENFOCA — ENCONTRO DE PROVINCIAIS E FORMADORAS DO CONTINENTE AMERICANO

As Franciscanas Missionárias de Maria reuniram suas 11 Províncias do Continente Americano em Manaus, durante todo o mês de março pp. para uma revisão de sua atuação como missionárias no HOJE da nossa História, após 500 anos de evangelização da América, onde o Instituto está presente desde 1904.

O Encontro, para provinciais e formadoras (past. vocacional, form. inicial, permanente e áreas específicas), realizou-se na EMATER, km 28 da Estrada Manaus—Itacoatiara e contou com a participação de 80 irmãs de 14 países (Brasil, Uruguai, Argentina, Paraguai, Chile, Bolívia, Peru, Colômbia, Equador, México e Nicarágua, Canadá, EEUU, Guiana Francesa). Também participou do Encontro a Superiora Geral, Ir. Maura O'Connor, junto com todo o Conselho Geral.

A temática foi a seguinte:

- 1) Eucaristia: Profetismo e Missão — Pe. Edênio Valle svd.
- 2) Formação, Comunidades Formadoras e Lideranças — Ir. Claudino Falchetto fms.
- 3) Justiça, Paz e Ecologia — Fr. José Alamiro de Andrade e Silva ofm
- 4) Fé e Política — Fr. Luís Coscia ofm/cap.
- 5) Experiências pastorais das CEBs — D. Jorge Marskell e sua Equipe de Itacoatiara.

Os temas todos se integraram harmonicamente no decorrer desse mês, em meio a reflexões, lazeres, experiências e conhecimento da realidade local, tornando evidente a Unidade de Vida, ponto importante na espiritualidade eucarística, missionária e franciscana do carisma do Instituto.

O documento final foi expressão de uma grande unidade enraizada na Eucaristia: Profetismo e Missão. Nele foram apontadas 3 Linhas para conduzir a reflexão e a ação das Franciscanas Missionárias de Maria até o próximo Encontro Continental em 1995, no Paraguai:

- 1) Missão — Inserção, Inculturação e Construção da utopia do Reino.
- 2) Visão franciscana da Vida — com atitudes e compromissos franciscanos, sobretudo na área da Justiça, Paz e Ecologia.
- 3) Formação — dentro da reflexão feita durante o Encontro, acentuando, neste campo, o tema da autoridade-ôbediência-serviço na liberdade, como

formação às lideranças em todos os níveis.

A abertura e o encerramento do II ENFFOCA ocorreu em Celebração Eucarística presidida pelo Sr. Arcebispo de Manaus, D. Luís Soares Vieira.

MISSIONÁRIAS DE AÇÃO PAROQUIAL EM ANGOLA

Em dezembro de 1987, participando do curso de formação missionária para Missionários "Ad Gentes" organizado pela L2 da CNBB, elaboramos uma proposta comum que orientaria nossa caminhada missionária: "Chamados por Deus, enviados pela Igreja, a ser testemunhas da Boa Nova do Reino, inserindo-nos nas diversas culturas a partir dos empobrecidos". Estávamos conscientes de que é Deus que chama e nos envia, mas a inserção numa cultura diferente, tinha para mim um sabor de aventura pois se tratava de uma realidade desconhecida, concretamente entre os angolanos.

Exatamente na quarta-feira de Cinzas de 1988, quando no Brasil dava início à Campanha da Fraternidade sobre o Negro, eu iniciava uma vida nova em terras africanas. Mera coincidência? Prefiro acreditar na Providência de Deus depois de tantos anos sonhando com as missões. Foi este um momento forte e assumi como gesto concreto da C.F.

Em Angola, encontrei um povo ferido pela guerra (desde a sua independência em 1975), refugiados, famílias desfeitas, feitiçarias e crendices, jovens sem perspectivas de futuro, sem estudo, sem profissão, fugindo de serem recrutados para as tropas militares como se fugissem de um cão.

E é para este povo que o Senhor me chamava para ser testemunha da Boa Nova do Reino. Começava assim a entender de uma maneira mais concreta o que significava a inserção numa outra cultura a partir dos empobrecidos. O tempo está sendo a minha melhor escola.

É edificante constatar como o povo, apesar do ateísmo imposto pelo governo viveu convicto a sua fé, não obstante as perseguições. Nas zonas mais distantes com forte presença da guerrilha, a maioria dos missionários teve que recuar para as cidades. Muitas missões foram saqueadas, outras usadas como quartel militar. Os cristãos que lá ficaram são dignos de admiração pois souberam manter vivas suas comunidades, muitas vezes na clandestinidade.

Nas cidades o trabalho não foi menor. Essa multidão de pessoas deslocada de suas terras, procurou refúgio nas cidades fazendo-as crescerem de maneira desorganizada, sem nenhuma infra-estrutura.

Como Missionárias de Ação Paroquial, somos chamadas a dar uma resposta às necessidades mais urgentes numa Paróquia. Novas pastorais foram criadas como a Pastoral das viúvas, dos órfãos e mutilados de guerra, formação de cooperativas, entre as muitas já existentes em termos normais como a promoção da mulher, pastoral da saúde, da juventude, catequética, formação de lideranças, etc.

A guerra acabou e os cristãos pedem a nossa volta às missões. Mesmo sendo uma paz relativa estamos preparando para reiniciar nossos trabalhos no

interior, fora das cidades. Reabrir nossos ambulatórios, centros educacionais e de promoção. A tarefa não será fácil nem pequena. Estamos conscientes do desafio que nos espera. Dezesesseis anos de guerra foram suficientes para destruir praticamente tudo: casas, estradas, famílias, provocar ódios, vinganças, divisões. Há muita ferida pra ser curada, muitas histórias tristes pra serem escutadas. O povo sente a necessidade de alguém a seu lado, que o escute, aconselhe, diga-lhe palavras de alento. Diante de tudo isso eu fico pensando na minha inserção no meio deles que antes tinha sabor de aventura, hoje realidade. Confesso que não é fácil entrar no seu mundo, entender suas crenças, seus feitiços, começar de novo, aprender outra língua, pois cada tribo é como se fosse um povo diferente com dialetos, costumes e tradições próprias.

E o dia a dia na missão está cheio de imprevistos; ora é um doente que precisa ser levado ao hospital, ora é alguém que nos procura para pedir um conselho ou chorar suas mágoas, sem contar os doentes e pobres que batem à nossa porta pedindo remédio e comida.

São estes os preferidos de Deus e é no meio deles que o Senhor nos coloca. "É a cruz de uma escolha e a paz de uma opção consciente", como disse alguém. E Deus que não se deixa ganhar em generosidade nos premia com o cêntuplo em alegria.

Somos poucos, Senhor, mas fazemos evangelizar com renovado ardor missionário.

Ir. M. Olivete Tomázella Foltran
Missionária da Ação Paroquial

RELIGIOSAS DO SAGRADO CORAÇÃO DE JESUS: 250 ANOS DE FUNDAÇÃO

No dia 28 de fevereiro de 1992 as Religiosas do Sagrado Coração de Jesus comemoraram na casa Mãe em Igarassu, o ducentésimo quinquagésimo aniversário de sua fundação.

As festividades deste ano JUBILAR culminaram com a celebração solene, da Sta. missa presidida pelo Sr. Arcebispo metropolitano — D. José Cardoso Sobrinho, acompanhado por vários sacerdotes amigos da congregação e pelo Bispo de Nazaré da Mata — D. Jorge Tobias de Freitas.

A congregação das Religiosas do Sagrado Coração de Jesus foi fundada no dia 1º de março de 1742, em Igarassu e teve como fonte de inspiração a fidelidade de algumas jovens lideradas por Rita Thereza de Jesus que se davam aos exercícios espirituais constantes na Igreja Matriz por um período de seis anos.

Conta o Padre Miguel Rodrigues Sepúlveda que estando um dia no silêncio de seu quarto entregue a meditação, veio-lhe um tão forte desejo de fundar um Recolhimento para abrigar as piedosas jovens, que tomou como uma revelação divina.

Em 1740 ao encontrar-se com o missionário jesuíta Padre Gabriel Malagrida, Sepúlveda expôs o seu plano e o missionário que trazia licença do Rei de Portugal, D. João V para fundar Recolhimento, deu-lhe todo apoio necessário.

O Padre Miguel Rodrigues Sepúlveda abriu mão de todos os seus bens e os

Investiu na construção do recolhimento, erguido em um de seus terrenos.

No dia 1º de março de 1742 com a licença do Bispo diocesano D. Luis de Santa Thereza, entraram para o serviço de Deus as 20 primeiras jovens, tendo como Superiora Rita Thereza de Jesus.

Até o ano de 1852 as Irmãs permaneceram como contemplativas. A partir desta data foi aberto um internato para crianças pobres e neste mesmo ano as Irmãs se integraram ao apostolado externo, contribuindo para a formação da juventude local.

Em 1932 o Recolhimento é transformado em Pia Sociedade e em 1963 é aprovada com o nome de Religiosas do Sagrado Coração de Jesus.

Três palavras marcam a nossa espiritualidade: Amor, imolação e Reparação.

São tarefas próprias da nossa congregação: — A pastoral do Menor carente — Pastoral catequética — Pastoral do idoso — Pastoral da saúde e Pastoral de inserção no meio do povo mais pobre.

OITAVO ENCONTRO INTERECLESIAL DE CEB'S

Dom Ivo Lorscheiter
Bispo de Santa Maria, RS

1. Estamos a dois meses da realização do 8º Encontro Intereclesial das CEBs, que se efetuará, na cidade de Santa Maria — RS, desde a tarde de 8 de setembro até à tarde de 12 de setembro de 1992. Permito-me fazer agora a todos os prezaos Irmãos Bispos os seguintes pedidos: a) que rezem e fa-

çam rezar pelo bom êxito pastoral do Encontro; b) que apóiem os que se dispõem a participar do Encontro, de acordo com os regulamentos e as vagas fixadas para cada Regional e cada Diocese; c) que se considerem todos pessoalmente convidados, entregando aqui ou enviando pelo correio a devida Ficha de Inscrição, que devem ter recebido com minha carta pessoal de convite.

2. Nos dias imediatos antes do nosso 8º Encontro Brasileiro, acontecerá também em Santa Maria o 4º Encontro Latino-Americano de CEBs. A convocação e coordenação dessa iniciativa continental não cabe a nós, e sim a uma Comissão especial de pessoas de diversos Países.

3. Bem sabemos das sérias dificuldades, não em último lugar financeiras, que importa viajar até o Extremo Sul do nosso País. Para alguns Regionais que o solicitaram, às dioceses do Rio Grande do Sul, e mesmo de outros Regionais do Sul, estão procurando alguma ajuda financeira.

4. De toda essa movimentada e certamente trabalhosa iniciativa, esperamos, com a graça do bondoso Deus, os seguintes resultados: a) maior fervor e vida em comunidades dos nossos católicos da Diocese de Santa Maria; b) salutar animação e renovado otimismo eclesial de todos os participantes; c) realística superação da chamada "crise" que, segundo alguns, estaria marcando as CEBs em diversas regiões do Brasil; d) adulta compreensão do certamente complexo mas urgente tema das "Culturas Oprimidas e Evangelização"; e) surgimento das sugestões e propostas para a Conferência Episcopal de Santo Domingo, a serem entregues aos Delegados do Brasil. □

ASPECTOS MARCANTES DAS DIRETRIZES DA IGREJA NO BRASIL CAMINHOS E DESAFIOS

*As Diretrizes da ação pastoral da Igreja são
um projeto de NOVA Evangelização.
Nova no ardor, nos métodos e nas suas expressões.*

Pe. José Ernanne Pinheiro
Brasília, DF

Introdução

A escolha das novas Diretrizes da Igreja no Brasil, a cada quatro anos, tem se constituído numa escola de formação dos cristãos do nosso país. Várias etapas perpassam o processo da elaboração das novas opções da ação eclesial. Tem crescido o desejo de participação, sinal promissor para um assumir mais conseqüente e mais colegiado. Seu conteúdo, portanto, é fruto dos passos exigidos por um processo de Planejamento pastoral: avaliação, reflexão, decisão, recepção/implantação. As novas Diretrizes passaram por todas estas fases e são herdeiras de um rico processo de Planejamento em curso desde os idos da década de 60.

I. A HERANÇA QUE PERMANECE

O Planejamento Pastoral penetrou na vida da Igreja no Brasil

como busca de maior eficiência e necessidade de maior articulação da ação eclesial. Seu grande mérito, contudo, foi a metodologia de participação e formação, criando um hábito de pensarmos a ação pastoral a partir da realidade, à luz da Palavra de Deus, integrando os vários segmentos da ação pastoral.

Os princípios que se fizeram presentes no processo:

— *Pedagogia mais que técnica.* O grande instrumento utilizado na metodologia participativa vem da Ação Católica especializada: Ver, Julgar e Agir. Se bem utilizado, conseguimos a realidade em suas causas, conseqüências e pessoas implicadas... Se o nosso Julgar à luz da Escritura e da palavra do Magistério for profundo, sem dúvida nosso Agir será mais evangelizador.

— *Maior ênfase no processo que no Plano.* O Planejamento de Pas-

toral supõe um Plano mas é muito mais amplo. Seu processo se constitui numa possibilidade de envolver as pessoas e sustentá-las numa dinâmica do compromisso. O próprio processo se confunde com uma metodologia de ação. Urge promover o espírito criativo através de propostas renovadas, projetos e programas.

— *Garantia de globalização.* Na nossa experiência de Planejamento Pastoral, esta visão global tem sido especialmente explicitada pelas Dimensões permanentes. As situações são variadas, os carismas são distintos, os objetivos são mutáveis mas as Dimensões nos levam para além do conjuntural, para além do parcial. São as exigências básicas da Comunhão e Missão.

— *Instrumento de integração e objetividade nas metas.* O Planejamento se torna importante, sobretudo, diante da fragmentação cultural que influencia na fragmentação pastoral. Fale-se de integração, de pastoral orgânica ou de articulação, o que se busca é a complementariedade diante de um mesmo Objetivo, integrando as forças para uma causa comum, com metas comuns.

— *Primazia da participação.* A sede de participação tornou-se um dos sinais dos tempos da nossa sociedade ocidental. Após as conquistas do direito individual, as conquistas sociais supõem um compromisso coletivo. Pensemos só na experiência que fizemos, no Brasil, por ocasião da Constituinte; produ-

ziu frutos na elaboração do capítulo quinto da Constituição que trata dos direitos coletivos.

O próprio Papa João Paulo II na Exortação "Christi Fideles Laici" diz: "a participação é um dos traços característicos da humanidade de hoje, um sinal dos tempos que está amadurecendo em diversos campos e em diversas direções" (n. 5).

É certo que a necessidade de participação provoca na pastoral um ritmo mais lento: ouvir, deixar que todos se expressem... Garante, no entanto, mais possibilidade de que sejam alcançadas as metas desejadas.

Estes princípios vêm se tornando, cada vez mais, parte constitutiva da evangelização em nosso meio. Estiveram bem presentes na fase preparatória das atuais Diretrizes e constituem um patrimônio da nossa história recente. Estas acentuações metodológicas têm sido o arcabouço para tornar vida a mensagem da ação pastoral.

II. FASE PREPARATÓRIA DAS DIRETRIZES

1. *Avaliação:* Todas as dioceses e organismos pastorais foram consultados na fase da *avaliação* das Diretrizes do quadriênio passado (1987-1990).

O Objetivo da avaliação era sentir a incidência das Diretrizes na vida pastoral, conhecer as maiores preocupações e envolver as nossas Igrejas particulares, Conferências, Organismos e outras Entidades ecle-

das novas opções pastorais.

Obtivemos respostas de 151 Igrejas particulares, ou seja, 61,8% das circunscrições eclesiais do país.

Uma primeira constatação nos chamava a atenção: 88,7% das respostas diziam que o Objetivo das dioceses era o mesmo ou semelhante (mesmo conteúdo) das Diretrizes. E mais: o Objetivo fora definido de maneira colegiada: 96,6% dizem ter sido fruto de assembleias ou do trabalho refletido nos Conselhos de Pastoral.

Perguntávamos, também, quais das dimensões tinham merecido maior ênfase. A dimensão catequética obteve o maior número de respostas: 115 dioceses, seguida pelas dimensões profético-transformadora e a comunitária e participativa: em torno de 100 dioceses. As três outras receberam menos atenção no quadriênio que terminou.

Outra pergunta importante: quais as situações da realidade diocesana que estão a merecer maior preocupação ou atenção na diocese nos próximos quatro anos, ou seja 1991-1994? As respostas já nos indicam propostas pastorais para as novas diretrizes: crescimento das seitas, a pastoral social, a pastoral urbana e a formação em todos os níveis.

2. *Reflexão*: O Instituto Nacional de Pastoral (INP) vinha reunindo os resultados de outras avaliações e propostas-desafios. Através de um trabalho acurado e profundo oferece como subsídio de re-

e desafios pastorais. Este estudo orienta o trabalho a ser realizado através de 5 temas básicos. 1. Perspectivas sócio-econômicas e políticas; 2. Cultura e culturas; 3. Novas formas de emergência da subjetividade; 4. Novos sujeitos históricos; 5. Perspectivas eclesiológicas.

Estes temas eram acompanhados de um questionário que levava a uma posição dos participantes diante do proposto.

O resultado afirmava algumas prioridades a serem valorizadas nas novas Diretrizes. Este vai-e-vem do diálogo entre as dioceses/organismos eclesiais com a secretaria geral da CNBB proporcionava um amadurecimento de elementos para um *Instrumento de Trabalho*, enviado aos bispos antes da Assembleia Geral.

3. *Decisões*: A Assembleia dos Bispos, em Itaici, definiu o Objetivo Geral da ação pastoral da Igreja no Brasil no próximo quadriênio e ofereceu pistas para desenvolver o conteúdo das novas Diretrizes. O trabalho para a definição do Objetivo, durante a Assembleia, foi encaminhado mediante uma reflexão em grupos que deveriam levantar os dados a serem incluídos. Uma equipe de Bispos acompanhava os passos numa missão de síntese e relançamento de novos passos. Do material fornecido pelos grupos — 34 propostas — a equipe congregou três formulações de Objetivos:

A. Procurava abreviar o Objetivo respondendo ao apelo dos gru-

pos com uma formulação a ser guardada de memória pelo nosso povo: **EVANGELIZAR A LUZ DA OPÇÃO PREFERENCIAL PELOS POBRES, VISANDO A FORMAÇÃO DO POVO DE DEUS E PARTICIPAR DE UMA SOCIEDADE JUSTA E FRATERNA, sinal do Reino definitivo.**

B. Procurava colher dos grupos os elementos de novidades emergentes: **PROMOVER UMA NOVA EVANGELIZAÇÃO NUM PROCESSO DE INCULTURAÇÃO, À LUZ DA OPÇÃO PELOS POBRES, VISANDO FORMAR O POVO DE DEUS E PARTICIPAR DE UMA SOCIEDADE SOLIDÁRIA, SINAL DO REINO DEFINITIVO.**

C. Foi pensada a partir do debate no plenário, visando ressaltar os aspectos novos e característicos de uma orientação mais querigmática: **EVANGELIZAR COM NOVO ARDOR, TESTEMUNHANDO JESUS CRISTO, PELA COMUNHÃO FRATERNA E A OPÇÃO SOLIDÁRIA COM OS POBRES, PARTICIPANDO DA CONSTRUÇÃO DE UMA SOCIEDADE JUSTA, DE VIDA E ESPERANÇA PARA TODOS.**

O longo debate em plenário mostrou que a preferência da Assembléia se inclinava seja para a fórmula A (antigo Objetivo abreviado), seja para a fórmula C (ressalta aspectos novos e orientação mais querigmática). Novamente a comissão trabalhou e apresentou nova proposta aproveitando a sugestão

da adoção de um "slogan" e um apelo/motivação.

SLOGAN: JESUS CRISTO, ONTEM, HOJE E SEMPRE.

APELO (motivação)

"A Igreja de Deus no Brasil se volta para o Senhor Ressuscitado. Escuta seu chamado. Confia no seu Espírito. Ouve o apelo de acontecimentos como:

— o 5º Centenário da Evangelização da América Latina a ser celebrado em Santo Domingo pela IV Conferência Geral do Episcopado (1992);

— o 3º Milênio cristão, que está por vir;

— a situação de injustiça e desigualdade gritante, a esperança dos pobres, a sede e fome de justiça...

Convoca, pela voz do Santo Padre, o Papa João Paulo II, e dos Bispos brasileiros, todos e cada um dos fiéis: crianças e jovens, homens e mulheres, religiosos e consagradas, agentes de pastoral, diáconos e presbíteros...

Para assumir sua responsabilidade de batizados na missão da Igreja, para participar de uma ação evangelizadora "nova no ardor, nos métodos e nas expressões", e realizar um objetivo."

Apresentadas as duas novas formulações (A e C), a Assembléia escolheu a alternativa com aspectos novos como formulação básica a ser trabalhada, isto é, integrando emendas apresentadas no plenário.

O novo Objetivo, portanto, em sua formulação final:

EVANGELIZAR, com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo, em comunhão fraterna, à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres, para formar o Povo de Deus, e participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança, nas diferentes culturas, a caminho do Reino definitivo.

A Assembléia Geral entregou ao Conselho Permanente a missão de elaborar e ultimar o texto global das Diretrizes. A mesma equipe de Bispos deveria ser o fio condutor para apresentar a proposta de texto.

Mediante toda esta riqueza acumulada, um passo novo e significativo representou uma grande novidade: a convocação de uma Assembléia dos *ORGANISMOS NACIONAIS DO POVO DE DEUS*, envolvendo os segmentos do Povo de Deus, para oferecer subsídios para a redação final das orientações da Igreja no Brasil e para apresentar sugestões para a implantação.

Durante 4 dias, 260 pessoas entre Bispos (a presidência da CNBB e os membros da Comissão Episcopal de Pastoral), Presbíteros, Religiosos(as), membros dos Institutos seculares, dos diáconos e dos leigos (o grupo mais numeroso — uns 150) ... se debruçaram sobre o Instrumento de trabalho. O clima de corresponsabilidade, de alegria e comunhão permitiu realizarmos uma rica experiência eclesial. Sem dúvida, foi marcante este momento

de Deus para a recepção das Diretrizes, porque terminamos a assembléia não só com muitas sugestões-aspirações para o texto mas com definições e propostas para serem implantadas nos respectivos segmentos eclesiais.

Finalmente, o Conselho Permanente da CNBB, cumprindo o mandato da 29ª Assembléia Geral, aprovou as Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil, no dia 28.06.91.

III. SÍNTESE DO CONTEÚDO BÁSICO

a. *Eixos para uma leitura globalizante*

As Diretrizes têm duas grandes partes: os *HORIZONTES DA EVANGELIZAÇÃO* e os *CAMINHOS DA EVANGELIZAÇÃO*.

Como *HORIZONTE DA EVANGELIZAÇÃO*, o Objetivo Geral apresenta a palavra *EVANGELIZAR* como a existência mesma de Jesus, sua vida e sua missão. A centralidade em Jesus Cristo, ontem, hoje e sempre nos leva a descobri-Lo como o Deus que se faz carne, se faz palavra, se faz pobre e também o protagonista da História, da Evangelização, da Salvação. O horizonte da missão é o Reino que Jesus anunciou.

O Objetivo Geral mantém a evangélica opção preferencial pelos pobres. Eles são apresentados como os primeiros destinatários da mis-

são, sendo a sua evangelização, sinal e prova por excelência da missão de Jesus.

Testemunhar Jesus Cristo em comunhão fraterna, com renovado ardor missionário é colocar a Boa Nova como fruto de Vida e Esperança para todos, sobretudo para os pobres.

“Jesus foi o evangelizador de todos. Para isso, aproximou-se particularmente dos mais necessitados, já que viera para anunciar a Boa Nova aos pobres e marginalizados. A opção da Igreja deve ser a mesma que a de Cristo: “Uma opção preferencial pelos pobres no intuito de sua integral libertação, como “forma especial do primado da caridade cristã”. Esta opção não é passageira, ou circunstancial mas constitutiva de sua missão” (Diretrizes, n. 42).

Como CAMINHOS DA EVANGELIZAÇÃO, opções mais urgentes, há uma preocupação central: a *evangelização do mundo urbano*, onde se localiza mais fortemente o processo da modernidade. Na cidade é que se encontram em gestação os novos modos de cultura, na cidade onde as contradições sociais mais se explicitam, onde a violência mais se concentra. Depois, é na cidade, onde vivem 3/4 da população do país. É a cidade o palco das decisões para o próximo milênio. Aí é que a Igreja é chamada a responder aos apelos da missão.

Entre as situações diversificadas da Evangelização, as nossas Diretrizes se deparam com a premência de reevangelizar os *batizados não praticantes* (70% dos católicos do nosso Brasil). Aí está a matéria-prima para os novos grupos religiosos autônomos, que costumamos chamar de seitas.

Há, sem dúvida, um sujeito privilegiado nas novas Diretrizes: os *cristãos leigos*. “Eles são insistentemente chamados a viverem sua vocação e assumirem sua missão, quer na Igreja, quer na sociedade” (n. 259). Os leigos são chamados a ser as testemunhas primeiras do mundo moderno, concretizando sua vocação específica de “índole secular”, uma missão profética.

As Diretrizes tratam dos *novos sujeitos* da sociedade e da Igreja como o “novo” diante do “estabelecido”. Estes novos sujeitos vão construindo seu próprio processo de formação, com novos métodos e novas expressões. Daí a necessidade de serem acompanhados pelo conjunto da Igreja numa tentativa de articulação entre o antigo e o novo.

As Diretrizes afirmam como *instrumento fundamental* para a implantação das novas orientações uma *formação permanente* para todos os evangelizadores e a *articulação pastoral* numa busca de planificação das atividades eclesiais, apresentando a Igreja particular como sujeito principal da Evangelização.

b. *Orientações específicas para a ação pastoral*

As mudanças rápidas da sociedade, cuja característica marcante é a planetarização da economia, se apresenta como o fenômeno da modernização, complexo e diversificado. As novas Diretrizes analisam este fenômeno em três aspectos e lhe oferecem, como resposta, pistas para a ação eclesial:

1. Individualismo e emergência da subjetividade

Entre as múltiplas formas de expressão e de defesa da subjetividade, as Diretrizes apresentam alguns exemplos:

a recusa de sacrificar a felicidade pessoal a ideais coletivos;

a busca de realização no plano afetivo, valorizando o sexo, rejeitando os padrões de comportamentos, até há pouco tempo socialmente aceitos;

maior liberdade de escolha pessoal;

a reivindicação de efetiva igualdade de direitos, especialmente das mulheres, dos jovens e dos menos letrados;

a procura de uma espiritualidade mais pessoal...

Ao individualismo e emergência da subjetividade, a Igreja do Brasil propõe a **VALORIZAÇÃO DA PESSOA E DE SUA EXPERIÊNCIA SUBJETIVA.**

A própria reflexão sobre a fé nos conduz a esta experiência porque a fé é sempre uma resposta pessoal. Como indicações práticas e consequências pastorais, as Diretrizes indicam:

formas concretas do Ministério do Acolhimento, tais como aconselhamento, reconciliação, diálogo, colocando a serviço dos outros os dons e carismas;

a experiência espiritual: ser discípulo para ser apóstolo;

maior empenho na evangelização das pessoas marginalizadas;

catequese e liturgia dando ênfase às pessoas;

mais diversidade e respeito no compromisso das pessoas na transformação da sociedade;

empenho para assumir com decisão a nova realidade urbana.

2. Pluralismo cultural e religioso

A sociedade tradicional tendia a reduzir ou submeter todas as pessoas a uma única cultura, religião, visão do mundo. A sociedade moderna, promovendo o individualismo, incentivando a opção pessoal, defendendo em princípio a liberdade de pensamento e de religião gerou, aos poucos, um mundo diferenciado e pluriforme.

No caso brasileiro, o pluralismo cultural tem raízes étnicas que não se encontram em outras sociedades modernas mais homogêneas. O

Brasil está marcado, também, por uma transição rápida da cultura rural para a cultura urbana. A população urbana que não atingia 35% do total em 1950, está hoje próxima de 75%.

No plano religioso, podemos constatar antes de tudo que permanece, apesar de todas as mudanças, uma religiosidade de fundo expressa de muitas maneiras. Quase todos os brasileiros acreditam em Deus (mesmo nas grandes cidades, os que afirmam "não acreditar em nada" não passam de 1% a 1,5% dos adultos). A porcentagem dos que se declaram católicos, porém, continua diminuindo ou se acentuando na medida em que se difunde o pluralismo religioso.

Ao pluralismo cultural e religioso, a Igreja do Brasil oferece como pista pastoral a **VIVÊNCIA COMUNITÁRIA E DIVERSIFICAÇÃO DAS EXPRESSÕES ECLESIAIS**.

Este tema acompanha a vida da Igreja desde seus primórdios, e se liga à temática da inculturação da fé nas diferentes culturas. As Diretrizes mesmas representam um novo impulso para repensar a comunidade eclesial, partindo de sua primeira e fundamental missão: evangelizar para formar o Povo de Deus na História, presente na sociedade a partir da opção pelos pobres. Como indicações práticas:

especial atenção à pastoral urbana;

o repensar a paróquia como "comunidade das comunidades";

as CEBs como "força de evangelização";

os Movimentos eclesiais situados na Igreja particular, em comunhão com os pastores;

as Pastorais específicas como forma eficaz de presença da Igreja nas áreas conflitivas;

a família como "santuário da Vida";

a valorização dos jovens como prioridade desde Puebla;

a redescoberta da pastoral de massa: romarias, peregrinações;

a ação dos cristãos nos novos movimentos sociais;

uma nova consciência missionária: "dar de nossa pobreza";

a catequese e a liturgia mais comunitárias;

uma busca de uma ação comunitária que facilite o diálogo ecumênico...

3. Contradições sociais e causas estruturais

A sociedade moderna voltada de forma obsessiva para a produção e o domínio da natureza valoriza antes de tudo a economia e o poder político necessário para regulá-la ou, no mínimo, protegê-la.

A religião não é mais a guardiã de valores da sociedade. Esta nova realidade produziu a separação entre economia, ética e política que se manifesta tragicamente na imen-

sa riqueza acumulada por poucos e na condição de penúria da maioria da humanidade. Os dados estatísticos comprovam este processo de concentração de renda e de marginalização dos pobres. A urgência de uma democracia social é afirmada, apontando a solidariedade, a união e a organização do povo como caminho para uma sociedade justa e solidária.

Às contradições sociais e causas estruturais, a Igreja propõe a **PRESENÇA MAIS SIGNIFICATIVA DA IGREJA NA SOCIEDADE.**

Partindo da fé eclesial, a Igreja não pode permanecer apenas no âmbito privado. Baseada na própria tradição bíblica, ela tem uma missão pública frente às macro-estruturas. O projeto de Nova Evangelização da Igreja do Brasil inclui necessariamente o Ensino Social da Igreja. A presença da Igreja na sociedade visa colaborar com a formação para a democracia social, segundo as "exigências éticas" da ordem social.

Propõe como medidas práticas:

contribuição para elaborar uma nova ética social;

coerência com a opção pelos pobres;

uma metodologia de ação pastoral mais personalizante;

incentivo à solidariedade com os outros países do terceiro mundo (pobre);

maior atenção ao mundo do trabalho e aos trabalhadores;

reforço na atuação e organização dos leigos;

reflexão crítica sobre os MCS e autocrítica dos seus próprios meios de comunicação;

colaboração efetiva entre as Igrejas como testemunho de fé...

IV. RECEPÇÃO/IMPLANTAÇÃO DAS DIRETRIZES

Uma constatação evidente mostra que as Diretrizes vêm de encontro às aspirações dos cristãos no atual momento eclesial. Há, seguramente, fatores que explicam o entusiasmo na recepção das diretrizes como esperança de comunhão e estímulo para a missão: a fragmentação da pastoral refletindo a fragmentação cultural, a insegurança e perplexidade diante da situação nacional, a polarização dos modelos eclesiais em circulação, a sensação de mal-estar diante de acontecimentos eclesiais que se apresentam como deslocamentos das opções do Concílio Vaticano II...

A participação em vários níveis da elaboração das Diretrizes lhe deu a consciência de algo construído em mutirão. São as Diretrizes nossa Constituição eclesial para os próximos quatro anos. E diante da proposta elaborada pelo Episcopado brasileiro para a Constituição federal de 1988 já se expressavam os Bispos: "Só um povo que participe, assumirá a futura Constituição como obra sua; saberá comprometer-se

com ela e exigir o seu cumprimento" (Por uma nova ordem constitucional, declaração pastoral, n. 13).

Podemos distinguir três níveis na recepção/implantação: as sugestões apresentadas por ocasião da Assembléia dos Organismos nacionais do Povo de Deus, as iniciativas em curso e desafios constatados como fruto da recepção/implantação.

a. *Sugestões apresentadas a serem destacadas:*

Definir estratégias para implantação: estudar em toda a nação os grandes temas; definir prioridades; captar das reflexões alguns aspectos mais importantes; constituir grupos de estudos que possam fornecer à Igreja alguns subsídios sobre tópicos específicos...

Fomentar o clima de renovado ardor missionário.

Publicar artigos sobre as Diretrizes nas grandes revistas, preparar vídeos, orações, cartazes, publicá-las em linguagem mais simplificada.

Fazer uma Assembléia dos Organismos do Povo de Deus dentro de dois anos para a avaliação da caminhada.

Publicar as Diretrizes em forma de aulas para a catequese, para o ensino religioso, para a formação...

b. *As iniciativas em curso:*

Quase todos os regionais da CNBB têm feito suas assembleias em torno

do tema, como aprofundamento e ponto de partida para planejamentos regionais.

Um vídeo sobre o Objetivo Geral tem sido muito bem recebido pelas comunidades eclesiais.

O Conselho Nacional dos Leigos (CNL) em sua Assembléia anual dedicou todo um dia ao estudo das Diretrizes, assim como os Movimentos e Pastorais específicas o tem feito, assumindo-as como referências para suas próprias diretrizes.

Têm sido elas utilizadas como manual de Pastoral nos Seminários e Institutos de teologia.

Já foram as Diretrizes traduzidas em linguagem simplificada ou popular em várias dioceses assim como apresentadas em formas de novenas...

O texto do objetivo publicado em forma de oração tem alimentado a mística de muitos cristãos.

A CRB dedicou três dias de estudo com os provinciais das congregações masculinas e femininas.

Está sendo elaborada na coleção "Estudos da CNBB" uma coletânea de reflexões sobre assuntos específicos contidos no texto: catequese nas Diretrizes, liturgia, Meios de Comunicação social, leigos, presbíteros, missão, etc.

A Secretaria geral da CNBB empreende iniciativas para o acompanhamento do processo de implantação.

c. *Desafios constatados na recepção/implantação*

As Diretrizes abrindo horizontes para o trabalho eclesial despertam perspectivas novas, desafios novos. Alguns temas já começam a aparecer como preocupações maiores que a modernidade lança para a ação da Igreja nos próximos anos:

A necessidade de *um diálogo da Igreja com a área científica e com as novas tecnologias*. Elas, em si, não são boas ou más. Estão inseridas no conflito entre o capital e o trabalho e como o capital tem predomínio sobre o trabalho, de fato as novas tecnologias têm absolutizado a produtividade, a rentabilidade e a eficiência, coisificando o homem. A Igreja não pode deixar de se aproximar da questão diante dos valores éticos implicados.

A questão do *meio ambiente, da ecologia*. As Diretrizes falam da Teologia da Criação mas não oferecem pistas de ação para um aprofundamento pastoral e espiritual do tema. Ecologia deve ser relacionada com o desenvolvimento, com as exigências sociais, com o futuro da Vida.

Os pressupostos éticos da *engenharia genética*, sobretudo diante das notícias correntes sobre a esterilização das mulheres, do patenteamento da vida; este assunto está ligado a aspectos do desenvolvimento econômico e da educação. Necessita por parte da Igreja de um acom-

panhamento e de uma especial atenção.

Os *Meios de Comunicação social*, veículo privilegiado da modernidade não são levados em consideração à altura do desafio.

A *questão afetiva, o papel da mulher na sociedade e na Igreja* tinham sido mais explicitados no subsídio de reflexão que nas próprias Diretrizes...

Conclusão: As Diretrizes da ação pastoral da Igreja no Brasil (1991-1994) se propõem ser um projeto de Nova Evangelização dentro de um quadriênio onde acontecerá a 4ª Conferência Latino-Americana, em Santo Domingo. Estamos diante de um apelo a um novo ardor, novos métodos e novas expressões para o trabalho eclesial...

QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

1. *Quais os aspectos da Pastoral da Igreja no Brasil que melhor respondem ao fenômeno da modernidade? Por quê?*

2. *Que desafios são mais interpeladores para o trabalho eclesial nos próximos anos?*

3. *Quais os novos sujeitos na Igreja que merecem mais atenção na perspectiva da Nova Evangelização? Por quê?*

4. *Quais os instrumentos e metodologia mais adequados?*

MISSÃO E HISTÓRIA

DESAFIOS A PARTIR DOS 500 ANOS DE CRISTIANISMO NA AMÉRICA LATINA

*A missão é a busca permanente do outro
além das paredes da própria casa.
A missão garante a vitalidade da Igreja.*

Pe. Paulo Suess
São Paulo, SP

I. Aprendizado nas fronteiras

Os desafios eclesiológicos e pastorais da Igreja missionária não são desafios setoriais ou regionais no interior da Igreja universal. Representam — na perspectiva do Vaticano II — desafios para todo o Povo de Deus: “Toda a Igreja é missionária e a obra de evangelização, o dever fundamental do Povo de Deus” (*Ad gentes*, 35). A Igreja-Povo-de-Deus é permanentemente convidada a ultrapassar antigas fronteiras. Peregrinando até os confins do mundo envolve-se em novas experiências sócio-históricas e culturais. A partir daí surgem novos questionamentos teológicos que obrigam o centro eclesial repensar amarrações antigas entre fé, história e cultura.

A Missão é a busca permanente do *outro* além das paredes da pró-

pria casa, dentro e além do próprio país ou continente. A Missão é semelhante à exogamia que obriga os povos indígenas a casarem-se fora de sua tribo. A exogamia — declarando relações matrimoniais consanguíneas como incestuosas — garante a saúde do respectivo povo. De uma maneira semelhante, a Missão — com seu olhar voltado fora da própria “tribo” — ajuda-nos a não gastar nossas energias vitais em discussões internas, num eclesiocentrismo “incestuoso”. A Missão garante a vitalidade da Igreja.

No século XVI, a *Conquista Espiritual* das Américas representou um avanço geográfico até os confins do mundo. Destes confins surgiram desafios e questionamentos para a Igreja universal que, de uma certa maneira, hoje começamos a decifrar teologicamente e assumir pastoralmente como *kairós* histórico.

Podemos ler os 500 anos de cristianismo nas Américas com o salmista como um convite à conversão, escuta, abertura de coração e solidariedade:

Oxalá ouvísseis hoje a sua voz! Não endureçais vossos corações como em Meriba, como no dia de Massa, no deserto, quando vossos pais me provocaram e tentaram, mesmo vendo as minhas obras” (Sl 95).

II. Expulsão e conquista do outro

O ano 1492 não foi apenas o ano em que começou a conquista da América. Foi também o ano da reconquista de Granada, no dia 2 de janeiro, e — depois de nove séculos da presença do Islã na península Ibérica — da expulsão dos mouros. Finalmente, foi também — pelo decreto de 31 de março — o ano da expulsão dos judeus da Espanha(2). Na introdução ao *Diário de sua Primeira Viagem*, Colombo relaciona a descoberta das Américas à expulsão de mouros e judeus da Espanha:

“Neste presente ano de 1492, depois que Vossas Majestades deram fim à guerra contra os mouros que dominavam a Europa e por terminados os combates na mui grande cidade de Granada, onde (...) assisti ao hasteamento das bandeiras reais de Vossas Majestades na torre de Alhambra, (...) e vi o rei mouro sair pelas portas da cidade (...), e logo naquele mês indicado, pela informação que eu tinha dado a Vossas Majestades sobre as terras da Índia e um príncipe, chamado

“Grande Cã”, (...) como muitas vezes ele e seus antecessores mandaram pedir que Roma lhes enviasse doutores versados em nossa santa fé (...), Vossas Majestades, como católicos cristãos e Soberanos devotos da santa fé cristã (...) e inimigos da seita de Maomé e de todas as idolatrias e heresias, pensaram em enviar-me, a mim, Cristóvão Colombo, às mencionadas regiões da Índia para ir ver os ditos príncipes, os povos, as terras e a disposição delas e de tudo e a maneira que se pudesse ater-se para a sua conversão à nossa fé (...). Assim que, depois de terem expulso todos os judeus de vossos reinos e domínios (...) mandaram Vossas Majestades que eu me dirigisse (...) às referidas regiões da Índia” (3).

Nas Índias, Espanha repete o que lhe aconteceu 750 anos antes. Na *Crônica Mozárabe*, a partir de 748, a Espanha, “infeliz” e “condenada”, aparece despovoada pela espada, pela fome e pelo cativoiro. Suas cidades são entregues às chamas e aterrorizadas pedem paz. O invasor não cumpre a palavra. Seus habitantes morrem crucificados, degolados ou fogem às matas. Suas desgraças só são comparáveis com Tróia, Jerusalém, Babilônia ou Roma (4). Com a conquista da América um território muitas vezes maior que o da Espanha é despovoado e seus habitantes fogem às matas ou morrem crucificados. Quem ensinou aos crucificados a crucificarem seus algozes?

Num texto, teologicamente muito denso, em sua *História de las In-*

dias, Las Casas recorda-se desde a longínqua Valladolid:

Deixei nas Índias Jesus Cristo, nosso Deus, açoitado, afligido, esbofeteado e crucificado, não uma, mas mil vezes, pelos Espanhóis que assolam e destróem aquelas gentes e, ao tirar-lhes a vida antes do tempo, tiram-lhes o espaço de sua conversão e penitência e assim morrem sem fé e sacramentos (5).

III. Memória de um genocídio

A memória histórica dos *outros* e dos *pobres* traz à tona a negação de sua alteridade e, ao mesmo tempo, revela a origem da assimetria social da maioria da população deste continente. Esta memória pode incomodar juízes severos e festeiros triunfalistas porque, de repente, a verdade histórica não cabe em seus esquemas maniqueístas. Por ocasião do V centenário da introdução do cristianismo nas Américas, estes juízes e festeiros levantaram suas vozes apaixonadas. Uns, já há tempo identificaram os culpados pelos males das Américas. Outros festejam a vitória da cruz no continente católico. Entre ambos navegam conciliadores que admitem o condicionamento da *Conquista Espiritual* pelas "vicissitudes da história" (*Puebla*, 6). Mas feita esta ressalva, afirmam, como, por exemplo, os bispos de Portugal, que "o saldo aparece claramente positivo", (6) tanto para os países colonizadores como para os colonizados.

Os bispos do Equador foram mais cautelosos quando advertiram

que "o argumento de que não se pode julgar o passado com critérios e valores de hoje, sobretudo no que se refere à Conquista e primeira evangelização" pode "ser uma forma sutil de desculpa e pretexto para não revisar nosso presente" (7). Já as organizações indígenas — representantes dos 45 milhões de índios que habitam hoje as três Américas — e seus aliados militantes falam de *invasão européia e genocídio* e propõem declarar o dia 12 de outubro o "*Dia da dignidade continental, soberania e autodeterminação*" e Tzvetan Todorov confirma que a palavra genocídio descreve "com precisão" o extermínio dos povos indígenas das Américas, cuja população autóctone de 80 a 90 milhões, em 1500, foi, no prazo de um século, reduzida a 10 milhões (9).

IV. Do trauma à solidariedade

Os vestígios dos oprimidos, às vezes, perdem-se na poeira dos séculos, como a sepultura dos profetas. Os conquistadores não se apropriam somente das riquezas materiais e espirituais dos conquistados. Sempre são também os destruidores de sua memória e profanadores dos sepulcros de seus sábios. Enquanto Francisco Pizarro ganhou uma sepultura bem cuidada na catedral de Lima, os restos mortais de um Bartolomé de Las Casas simplesmente se perderam. Perderam-se?

No convento dominicano "Nuestra Sra. de Atocha", em Madrid, onde Las Casas no dia 18 de julho de 1566 morreu e foi sepultado, nada

lembra hoje sua passagem. A informação de frei Liqueste (19.7.91) é seca: "Aqui ele não está; nós não sabemos nada". No muro da paróquia uma placa do *Ayuntamiento* de Madrid, de 1990, lembra: "*Aqui murió y fue enterrado en 1566 FRAY BARTOLOMÉ DE LAS CASAS, llamado APÓSTOL DE LAS INDIAS*".

Há uma tradição que os restos mortais de Las Casas teriam sido posteriormente trasladados a Valladolid e enterrados na sacristia do Colégio San Gregório. Ao retornar definitivamente da América, o defensor dos índios viveu mais de sete anos neste Colégio na vizinhança direta do *Conselho de Índias*. Hoje, San Gregório é *Museu Nacional de Escultura*. A diretoria do museu informa que, depois de ter encontrado duas ossadas do século XIX, as escavações foram suspensas, agora, há mais de cinco anos. Ao que parece, nem aos dominicanos de Atocha, nem ao governo de Madrid, nem aos administradores de San Gregório interessa muito encontrar os restos mortais de Las Casas. "Também os mortos não estarão salvos do inimigo, se ele vence. E este inimigo não parou de vencer" (10), lembra Walter Benjamin com acerto. Afinal, Las Casas não era só "defensor de índios". A Espanha o considera também fonte da "*leyenda negra*". E até hoje a Espanha vive o trauma desta "*leyenda negra*".

Para vencidos e vencedores, a Conquista era um tempo traumático. O conquistador não é apenas

um destruidor da identidade alheia. Ele destrói também a própria integridade. A ideologia, com que se defende, é a tentativa de instalar-se na inverdade da dupla moral. Ninguém sai ileso desta manobra. As fontes históricas permitem, como a psicanálise, retornar à origem do "tempo perdido" deste trauma e abrir horizontes de esperança. Esperança, portanto cicatrização das feridas abertas, só é possível através de um trabalho de anamnese, metanóia, penitência e solidariedade. A solidariedade de quem está em paz com seu passado não tem fronteiras.

V. Ambivalência do cristianismo

Historicamente não é correto computar a violência da *Conquista* ao caráter nacional de espanhóis ou portugueses. Na avaliação da *Conquista Espiritual* das Américas, não está em jogo a crueldade de uma ou outra nação européia, mas, sobretudo, a ambivalência do próprio cristianismo. A integridade do Evangelho não garante a integridade da ação histórica dos evangelizadores. Embora a destruição de vidas e a colonização de povos não encontre argumentos no Evangelho, de fato encontrou colaboradores entre os evangelizadores. Em nome do Evangelho, cristãos destruíram sinagogas de judeus; santuários de mouros e templos de pagãos, queimaram "bruxas" e hereges.

Desde sua oficialização constantina, no século IV; o cristianismo compaginava o *anátema do outro*

com as *bem-aventuranças* do mesmo. Basta ler o que os Santos Padres escreveram sobre judeus e pagãos (11). Desde as *Retractationes* de Agostinho, teólogos e missionários, como José de Anchieta, por exemplo, justificam atitudes represivas contra os *outros* com o *compelle intrare* (Lc 14,23) (12).

No ano 388, Ambrósio (339-397), bispo de Milão, defende os incendiários da sinagoga de Kallinikón, no rio Eufrates, e qualifica a sinagoga de “um lugar da incredulidade, a pátria da ausência de Deus, o esconderijo da loucura condenado pelo próprio Deus” (13). No ano 385, na decapitação de Prisciliano, em Trier — apesar dos protestos de Martinho de Tours —, pela primeira vez, a espada do imperador parece ter servido aos interesses da Igreja. Meio século mais tarde, o papa Leão Magno se declara satisfeito sobre a intervenção do estado no caso dos Priscilianistas. A severidade secular foi, segundo Leão I, de grande utilidade à clemência eclesiástica (14).

São Bernardo de Clairvaux (†1153), em seu tratado sobre *As glórias da Nova Milícia*, manda os soldados de Cristo combater “sem temor algum de pecar por colocar-se em perigo de morte e por matar o inimigo. Para eles, morrer ou matar por Cristo não implica criminalidade alguma e traz uma grande glória” (15). Com a fundação de ordens militares assistimos uma verdadeira militarização ideológica da questão missionária (16). Mais tarde, Tomás de Aquino (†1274) pondera que o castigo

corporal dos heréticos pode, se levar a sua conversão, representar um benefício: “*Sunt etiam corporaliter compellendi*” (17).

Na bula *Romanus Pontifex*, de 1454 — 40 anos antes da conquista das Américas portanto — o papa Nicolau V concede ao Infante D. Henrique “faculdade plena e livre para invadir, conquistar, combater, vencer e submeter” sarracenos, pagãos ou quaisquer inimigos de Cristo, e — como um tipo de incentivos fiscais — o direito de conduzi-los à servidão perpétua, de confiscar seus bens e ocupar suas terras. O padre Congar mostrou, como na história da Igreja o texto da vocação de Jeremias (1,10: “Eu te constituo, neste dia, sobre as nações e sobre os reinos, para arrancar e para destruir, para exterminar e para demolir, para construir e para plantar”) legitimou até há pouco tempo práticas coercitivas contra o *outro* (18).

VI. Violência na missão da cristandade

A primeira relação etnográfica da *Conquista Espiritual* da América, escrita pelo hieronimita Ramón Pané, demonstra a violência desencadeada pela dominação do imaginário. Quando os índios “jogaram as imagens dos cristãos ao chão e as cobriram com terra e depois urinaram em cima”, Bartolomé Colombo, irmão de Cristóvão, “formou processo contra os malfeitores e, conhecendo a verdade, os mandou queimar publicamente” (19).

Os conquistadores, quando viram o grande número de oratórios dos índios, "cheios de demônios e diabólicas figuras", ficaram perplexos. Bernal Díaz descreve como os soldados de Cortés, a caminho de Tenochtitlan, destruíram os deuses dos *totonacos*,

"Que eram semelhantes a dragões espantosos, tão grandes como bezerrinhos (...). E quando os viram assim, feitos pedaços, os caciques e os sacerdotes que com eles estavam, choravam e taparam os olhos e, em sua língua totonaca, pediram perdão aos ídolos dizendo que não era mais em sua mão, e a culpa não era sua, mas desses brancos, que os destruíram (...)" (20).

Em seguida, Cortés mandou que os sacerdotes retirassem e queimassem as figuras despedaçadas, e falou que de agora em diante considerava os *totonacos* irmãos. Logo mandou no oratório instalar uma imagem de Nossa Senhora, construir um altar, celebrar Missa e, depois de uma rápida catequese, batizar e distribuir as oito moças que os índios lhe tinham oferecido (21).

A *Conquista Espiritual* das Américas, em sua globalidade, não representa ruptura, mas continuidade à prática missionária dos séculos pós-constantinos. A *Capitulatio de partibus Saxoniae*, de 782, de Carlo Magno (+ 814), deixou aos saxões a mesma alternativa como o *requerimiento*, de 1513, aos índios: conversão ao cristianismo ou morte.

Em 782, num só dia, o fundador da Europa cristã mandou decapitar, em Verden, 4.500 "rebeldes". A vitória, porém, sobre os saxões pagãos veio só com o batismo de seu líder, Wídukind. Carlo Magno — hoje sepultado na catedral de Aachen — foi seu padrinho de batismo. Em ambas as situações históricas, a chamada conversão era apenas mudança religiosa por força maior. Também os métodos missionários têm semelhanças. Willibrord profanou os santuários dos saxões, Bonifácio cortou sua árvore sagrada, Sturmíus exigiu a destruição de seus templos (22).

O ambiente fechado do padroado — quase em condições de laboratório — permitiu a continuidade de padrões medievais no trabalho missionário das Américas. Santiago, apóstolo da reconquista, continuou no imaginário da conquista como cavaleiro apocalíptico socorrendo com a cruz e a espada aos soldados de Cristo. Agora não mais *Santiago Matamoros*, mas *Santiago Mata-Índios* (23). E Cortés, em sua segunda Carta-Relação, de 1520, podia abertamente comunicar a Carlos V que mandou "por prevenção" trancar um grande número de índios de Churultecal numa sala. Em seguida deu ordem a seus soldados para matá-los e tocar fogo na cidade: "Em poucas horas morreram mais de três mil homens" (24). A aliança entre cruz e espada teve papel decisivo na fundação da Europa cristã e no forjamento da América católica.

VII. Desafios da alteridade

Não seria justo reduzir o papel das Igrejas a um instrumento de repressão e colonização. Isso significaria exatamente eliminar a ambivalência de sua atuação histórica por uma explicação monocausal e maniqueísta. Em cada século havia cristãos que escovavam "o espírito da época" a contrapelo. Mas nas estruturas do padroado a conivência parecia uma condição de vida. Hoje, como em outras épocas, amplos setores do cristianismo são associados à defesa dos *pobres*, apesar de suas amarrações sistêmicas. O trabalho missionário de hoje também há de perguntar-se sobre sua ambivalência histórica. Boa vontade não falta e não basta.

No mundo etnocêntrico e até racista em que vivemos não basta defender somente os pobres, sem ao mesmo tempo defender também o direito à alteridade do *outro*, pobre ou não. No Brasil, os ciganos são 500 mil, e constituem o dobro da população indígena. Os negros chegam a ser quase a metade da população brasileira. Nem ciganos, nem povos indígenas, nem negros são necessariamente os "mais pobres dos pobres". A opção pelos *pobres*, sem opção pelos *outros* pode ainda estar imbuída de atitudes racistas e colonialistas.

O sistema colonial considerava a alteridade dos povos conquistados *inferioridade* e a reciprocidade de sua economia, que era a base de sua igualdade, *improdutividade*. Os

Estados Nacionais modernos, prisioneiros da mundialização do mercado com seu potencial colonizador, todavia, tornaram-se novos colonizadores dos *outros* (minorias ou não), muitas vezes incapazes de admitir alternativas frente ao macrosistema cultural e econômico. Vícios herdados se juntaram a novos vícios estruturais dos quais os estados modernos são herdeiros, prisioneiros e defensores.

O *pobre*, historicamente defendido nas Igrejas, também é um *outro*. Porém, é um *outro* no interior destas Igrejas. A opção pelos *pobres* representou basicamente uma opção *ad intra*. O *pobre*, a rigor, não é um *outro* por causa de sua "inferioridade social", mas por causa de sua riqueza cultural. A opção pelos *outros* é complementar à opção pelos pobres e representa uma opção missionária *ad extra*, uma abertura ao mundo e seu plural de culturas e credos. Em nome destas culturas e credos assistimos guerras de extermínio, *pogroms*, genocídios e etnocídios.

Não só a fome do pobre, também o desprezo daquele que é diferente, sua alteridade como inferioridade, enfim a agressão ao *outro*, ameaçam a vida de povos, civilizações e indivíduos. A alteridade é uma riqueza a ser permanentemente defendida. A alteridade é uma arma de resistência contra a "mesmice sistêmica". A pobreza, como resultante da assimetria social, é uma patologia a ser superada. A igualdade visa não somente a superação desta

patologia social, mas também a alteridade reconhecida para todos, sem medo, sem inferioridade, sem obrigação de justificá-la.

VIII. Pistas teológico-pastorais

No *Concílio Vaticano II* a Igreja católica fez um grande esforço para abrir um diálogo com a nova realidade de um mundo pós-cristandade. Este mundo reconhece a legitimidade das diferentes culturas, religiões e ideologias. É um mundo que não aceita a hegemonia de nenhum grupo humano sobre os demais. Ao situar-se explicitamente neste mundo moderno, o *Vaticano II* tentou recuperar a tradição irenista e otimista do cristianismo que permite ver positivamente o *outro* e seu passado. Neste intuito de inserir-se no meio dos povos sem constituir-se censor de seu passado, juiz de seu presente ou profeta de seu futuro, os textos conciliares lembram a Igreja universal de tópicos dos primórdios do cristianismo e citam seus autores, praticamente todos da era pré-constantiniana: Justino de Roma (+ cerca de 165), Ireneu de Lião (+ 202), Clemente de Alexandria (+ antes de 215), Tertuliano (+ depois de 220) e Eusébio de Cesaréia (+ 339) que representa a transição à época de Constantino.

1. Anima naturaliter christiana

Em seu tratado *De testimonio animae*, Tertuliano desenvolve uma frase de seu *Apologeticum* (c. 17)

afirmando que a vida dos pagãos mostra uma raiz cristã comum a toda humanidade. Na encíclica *Evangelii praecones*, de 1951, Pio XII retoma o paradigma de Tertuliano, sem explicitamente citá-lo: "A natureza humana (...) conserva todavia em si alguma coisa naturalmente cristã (...)." (25) A Igreja não permite "que o Evangelho destrua, nos vários povos que o recebem, qualquer parcela da bondade e beleza que enriquece a índole e o gênio de cada um. A Igreja (...) não procede como quem corta, lança por terra e extermina uma floresta luxuriante, mas sim como quem enxerta árvores bravas com qualidades escolhidas (...)" (26). Face a "natural bondade" dos povos, o missionário "não tem o encargo de transplantar a civilização especificamente européia para as terras de Missões. Mas deve preparar esses povos (...) para acolherem e assimilarem os elementos de vida e de moral cristã, que fácil e naturalmente se adaptam a toda a verdadeira cultura profana (...)" (27). O *Vaticano II* não menciona explicitamente o tópico da "alma naturalmente cristã" de Tertuliano, porém o espírito da *Gaudium et spes*, por exemplo, está profundamente impregnado por esta visão otimista do mundo. Também a tese do "cristão anônimo", de Karl Rahner, se inspira em Tertuliano.

2. Preparação evangélica

A história e as culturas dos povos representam, segundo Eusébio de Cesaréia, uma *preparação evan-*

gética. A *Lumen gentium* (n. 16) assimila a antiga proposta de Eusébio: "Tudo o que de bom e verdadeiro se encontra entre eles, a Igreja julga-o como uma preparação evangélica, dada por Aquele que ilumina todo homem, para que enfim tenha a vida". A *Evangelii nuntiandi* (n. 53), de 1975, assume o texto de *Lumen gentium* (n. 16) ao dizer que "há porções imensas da humanidade que praticam religiões não cristãs (...). Elas podem constituir uma autêntica 'preparação evangélica' ". Na mesma linha, porém mais restritivo, os autores de *Ad gentes* (n. 3) se apoiam em Ireneu e Clemente de Alexandria para afirmar que "as iniciativas religiosas" dos povos "possam alguma vez ser consideradas como pedagogia para o Deus verdadeiro ou como preparação evangélica".

3. Sementes do Verbo

Na lógica da 'preparação evangélica' está a encarnação do Verbo. Este Verbo, universalmente atuante, está previamente presente nas culturas dos povos e em suas tradições nacionais e religiosas. "Com alegria e respeito", diz *Ad gentes* (n. 11) sem mencionar sua fonte patrística, os cristãos "descubram as sementes do Verbo aí ocultas". A *Evangelii nuntiandi* (n. 53), ao admitir que as religiões não cristãs "acham-se permeadas de inumeráveis 'sementes da Palavra', remete aos escritos de Justino e Clemente de Alexandria. Segundo a *Lumen gentium* (n. 17) "a Igreja trabalha de maneira tal que tudo o que de bom se en-

contra semeado no coração e na mente dos homens ou nos próprios ritos e culturas dos povos, não só não desapareça, mas seja sanado, elevado e aperfeiçoado para a glória de Deus, confusão do demônio e felicidade do homem".

4. Inserção e encarnação

Na realidade do mundo não cristão, positivamente qualificada como "preparação evangélica" e permeada pelas "sementes do Verbo", a Igreja deve inserir-se sem estabelecer condições prévias. *Ad gentes* (n. 10) é bem preciso quando afirma: "Como Cristo, por Sua encarnação se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em todas essas sociedades, para que a todas possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus." A bandeira da *inserção* inspirou muitas mudanças nas comunidades religiosas, tanto em seu estilo de vida como em sua presença junto ao povo.

5. Assumir para redimir

Segundo a *Gaudium et spes* (n. 22), a presença cristã no mundo é, seguindo o exemplo de Jesus, uma presença respeitosa, universal e salvífica: "Por Sua encarnação, o Filho de Deus uniu-Se de algum modo a todo homem. Trabalhou com mãos humanas, pensou com inteligência humana, agiu com vontade humana, amou com coração humano." Jesus que assumiu a natureza humana, sem aniquilá-la, tornou-se "verdadei-

ramente um de nós, semelhante a nós em tudo, exceto no pecado". A *Lumen gentium* (n. 8) fala de "uma não medíocre analogia" entre o mistério do Verbo encarnado e a assunção da realidade terrestre pela Igreja. A assunção é uma condição prévia da redenção. "Os Santos Padres proclamam constantemente", lembra *Ad gentes* (n. 3), "que não foi sanado o que não foi assumido por Cristo". *Puebla* (n. 400) explicita esta relação entre encarnação e assunção para o contexto latino-americano.

IX. Para uma evangelização dos povos a partir de suas culturas

Parece que hoje estamos longe da "Conquista Espiritual" do século XVI. Ao considerar, em matéria de religião, as tradições indígenas vazias (C. Colombo: tábula rasa), falsas (idolatria), patológicas (B. de Sahagún) ou perversas (J. de Acosta), a primeira evangelização não conseguiu encontrar a "conexão evangélica" na história e nas culturas dos povos deste continente.

Os tópicos do *Vaticano II* — preparação evangélica, sementes do Verbo, inserção na realidade e assunção das tradições culturais — abriram caminhos para a opção da Igreja latino-americana pelos pobres como seguimento de Jesus. A *Lumen gentium* (n. 8) estabelece a relação entre encarnação, seguimento de Jesus e opção pelos pobres. "Assim como Cristo consumou a obra da redenção na pobreza e na persegui-

ção, assim a Igreja é chamada a seguir o mesmo caminho (...). Cristo foi enviado pelo Pai para 'evangelizar os pobres' (...); semelhantemente a Igreja (...) reconhece mesmo nos pobres e sofredores a imagem de seu Fundador pobre e sofredor" (Cf. também *Gaudium et spes*, n. 88).

Em Santo Domingo, a América Latina, seguramente, vai complementar a opção pelos pobres pela opção de uma nova evangelização dos povos a partir de suas culturas. Não são as culturas que devem ser evangelizadas, mas os povos. Tampouco é correto falar em "culturas oprimidas". Oprimidos são os povos que, graças a suas culturas que representam ferramentas para a construção de sua identidade e armas de resistência, atravessaram séculos de opressão. Tudo isso será progressivamente explicitado no paradigma da *inculturação* que assinala um programa para o terceiro milênio do Cristianismo. O que a *Gaudium et spes* (n. 44) constata como realidade histórica, permanece um imperativo para o futuro: A Igreja "desde o início de sua história, aprendeu a exprimir a mensagem de Cristo através dos conceitos e linguagens dos diversos povos e, além disso, tentou ilustrá-la com a sabedoria dos filósofos, com o fim de adaptar o Evangelho, enquanto possível, à capacidade de todos e às exigências dos sábios. Esta maneira apropriada de proclamar a palavra revelada deve permanecer como lei de toda a evangelização".

QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

1. Olhando a história dos 500 anos de Evangelização da América Latina podemos dizer que a integridade do Evangelho garantiu a integridade da ação dos evangelizadores?

2. Em que consiste, hoje, o desafio missionário de manter a alteridade do outro? Como completa a opção pelos pobres?

3. O que significa dizer que temos como desafio uma opção por uma Nova Evangelização dos povos a partir de suas culturas? Quais seus fundamentos teológicos na tradição da Igreja?

NOTAS

(1) Muitos dos documentos mencionados ou citados neste artigo o leitor encontrará in: SUESS, Paulo (org.). **Documentos para a conquista espiritual da América espanhola**. Século XVI. Petrópolis, Vozes, 1992. (2) Cf. VICENT, Bernard. **1492: L'année admirable**. Paris, Aubier, 1991. (3) COLOMBO, Cristóvão. **Diários da descoberta da América**. Porto Alegre, L&PM, 1984. (4) Cf. Crônica Mozárabe, de 748ss. In: MOMMSEN, Théodorus (org.). **Monumenta Germaniae Historica**. Chronica minora. Saec. IV., V., VI, VII. Vol. II. Berlín. Ed. Weidmann, 1894, pág. 352ss. (5) LAS CASAS, Bartolomé. **Historia de las Indias**. 3 vols. Caracas, Biblioteca Ayacucho (108-110). 1986, vol. 3 (liv. III, cap. 138), pág. 510. (6) Cf. Nota Pastoral dos bispos de Portugal sobre a celebração do V Centenário das descobertas. (Fátima, 19 de Maio de 1987). In: **L'Osservatore Romano**, Ed. Semanal (28.6.1987): 15. (7) **Declaración conclusiva de la Conferencia Episcopal Ecuatoriana sobre la Pastoral Indígena**. Quito, 29.6.1991, pág. 4. (8) Cf. "Encontro Latinoamericano das Organizações Indígenas e Camponesas", Bogotá, 7 a 12 de outubro de 1989. (9) Cf. TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**, pág. 129. (10) BENJAMIN, Walter. **Geschichtsphilosophische Thesen**. In: IDEM. **Zur Kritik der Gewalt und andere Aufsätze**. Frankfurt, Suhrkamp (ES 103), 1971, pág. 81s (6ª tese). (11) Cf., por exemplo, BLUMENKRANZ, Bernhard.

Die Judenpredigt Augustins. Basel 1946. — IDEM. **Les auteurs chrétiens latins du Moyen Age sur les juifs et le judaïsme**. Paris, 1963. — COHEN, Jeremy. **The friars and the jews**. The evolution of medieval anti-judaism. Ithaca/London 1982. — MAZZOLANI, Lidia Storoni. **Sant'Agostino e i pagani**. Palermo, Sellerio Editore, 1987. (12) Cf. Carta de José de Anchieta a Diego Laynes, de 16.4.1563. In: LEITE, Serafim (org.). **Cartas dos primeiros jesuítas do Brasil**, vol. 3, São Paulo, Comissão do IV Centenário da Cidade de São Paulo, 1954, pág. 554. (13) Ambrosius, Epist. 40 PL 16, 1104ss. (14) Cf. Leo I, Ep. 15,7 e 9. (15) San Bernardo, **Obras Completas**, vol. 1, Madrid, B.A.C., 1983, pág. 503. (16) Cf. MARTÍN, José Luís. **Orígenes de la orden militar de Santiago (1170-1195)**. Barcelona, CSIC, 1974. (17) **Summa theologiae**, II^a II^{ae} q. 10, a. 8. (18) CONGAR, Yves M.-J. **Ecce constitui te super gentes et regna** (Jér. 1.10) in *Geschichte und Gegenwart*. In: AUER J./VOLK H. (eds.), **Theologie in Geschichte und Gegenwart** (Festschrift f. M. Schmaus), Münster, 1957, pág. 671-696. (19) PANÉ, Ramón. **Relación acerca de las antigüedades de los indios**. 8. ed., México, Siglo Veintiuno, 1988, pág. 46s (cap. 26). (20) DÍAZ DEL CASTILLO, Bernal. **Historia verdadera de la conquista de la Nueva España**. 2 vols., México, Porrúa (BP 6/7), 1980. Aquí: vol. 1, pág. 161 (cap. 51). (21) Cf. ibidem, pág. 162s (cap. 52). (22) Cf. WIE-

DEMANN, H. **Die Sachsenbekehrung.** Hiltrup, 1932, pág. 43. (23) Cf. CHOY, Emilio. De Santiago matamoros a Santiago mataindios. In: **Antropologia e historia** (1). Lima, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, 1979, pág. 333-437. (24) CORTÉS, Fernando. **Cartas y documentos.** México, Porrúa (BP 2),

1963, pág. 50. (25) PIO XII. **Evangelii praecones.** In: **As missões católicas.** Pronunciamentos dos papas, desde Leão XIII até João Paulo II e documentos do Vaticano II. Petrópolis, Vozes, 1980, pág. 74-98, aqui: 93 (n. 56). (26) *Ibidem*, pág. 93 (n. 55). (27) *Ibidem*, pág. 83 (n. 27) e 94 (n. 59). □

PÉ DE PÁGINA

Pe. Marcos de Lima, SDB

Quem é Jesus?

É o próprio mistério de Deus. "Ninguém conhece o Filho senão o Pai. E ninguém conhece o Pai senão o Filho e aquele a quem o Filho quiser revelar" (Mt 11,27). Em Jesus, Deus se deu a conhecer (Jo 1,18).

Quem é profeta?

Bíblia — "Quem hei de enviar? Quem irá por nós? Ao que respondi: Eis-me aqui, envia-me a mim. Ele me disse: Vai e dize a este povo...". Is 6,8.

Leitor — Para anunciar é preciso conhecer. Para conhecer é necessário que Deus se revele. Ninguém atinge Deus por silogismo e raciocínio. A revelação de Deus é ato seu soberanamente livre. É iniciativa sua totalmente gratuita. Só se é profeta quando Deus se revela, chama e envia. Intimamente unidas: a revelação, a vocação e a missão.

A posição mais difícil

Não é fácil a posição do meio. É mais fácil ficar em um dos extremos — radical e purista — e acusar os "meridianos" de ficarem em cima do muro, observador permanente e inapetente. Você sabe: a virtude está no meio. Manter-se no meio é uma virtude penosa. O meio-termo, tão desejado e recomendado pelo bom senso, é a mais difícil das posições. Além do mais, há que saber distingui-lo da indefinição e da hesitação. Meio-termo é sinônimo de prudência, ou seja, julgamento sábio a respeito de atos concretos, a conciliação destes com suas circunstâncias. Apreender, com exatidão, as exigências do presente. Decidir o que a realidade dita no momento, pois cada instante absorve um sentido salutar. É uma hora providencial.

JESUS CRISTO:

ONTEM, HOJE E SEMPRE

REFLEXÕES SOBRE O OBJETIVO GERAL DA AÇÃO PASTORAL PARA O QUADRIÊNIO 1991-1994

*Passam os dirigentes, os pastores e os agentes
da evangelização. Os tempos, as situações,
os problemas e os desafios mudam.*

Jesus permanece e sua mensagem é eternamente atual.

Dom Erwin Kräutler, CSSP

Bispo do Xingu, PA

1. O atual objetivo da CNBB não deve nem pode ser visto isoladamente, mas sim no contexto de todo um processo de planejamento pastoral assumido pela Igreja no Brasil no decorrer das últimas décadas. Já no primeiro ano de seu pontificado o saudoso Papa João XXIII pediu uma coordenação orgânica da atividade pastoral. Em 8 de dezembro de 1961 João XXIII reforçou a recomendação de um planejamento da ação pastoral em sua Carta Apostólica "Ad dilectos Americae latinae populos" (1). A partir de então foram elaborados os Planos de Pastoral de Conjunto pelas Conferências Episcopais da América Latina.

2. Em abril de 1962 surgiu assim o Plano de Emergência que marcou decisivamente a Igreja no Brasil. Embora não fosse um plano

global, abrangendo todas as dimensões da atividade pastoral, mas voltado apenas para alguns dos setores da vida da Igreja: a paróquia, o ministério sacerdotal, o sistema educacional católico e a ação da Igreja no campo sócio-econômico, foi um primeiro esforço em direção a uma pastoral de conjunto em nível diocesano, regional e nacional. O Plano de Emergência preparou o terreno para uma ampla renovação na linha do Concílio Vaticano II, proporcionando à Igreja novo dinamismo, novas estruturas, novas possibilidades de ação.

3. O Plano Pastoral de Conjunto, elaborado e aprovado pela CNBB para os anos 1966-1970 (2) deu continuidade ao Plano de Emergência e procurou criar meios e condições para que a Igreja no Brasil se

ajustasse, o mais rápida e plenamente possível, à imagem de Igreja do Vaticano II. Inspirando-se na "Lumen Gentium", sintetizando as grandes perspectivas daquela Constituição Dogmática, especialmente de seu capítulo primeiro, a CNBB escolheu como objetivo geral deste Plano Pastoral de Conjunto:

"Levar todos os homens à comunhão de vida com o Pai e entre si por Cristo, no dom do Espírito Santo, pela mediação visível da Igreja."

Desdobrando o Objetivo Geral em Objetivos Específicos, o Plano de Pastoral de Conjunto caracteriza a Igreja como profundamente "dinâmica" e já insiste em afirmar que "ela é uma Igreja pobre". "Continuadora de Cristo, ela deve ser capaz de encontrar todos os homens, mesmo os mais miseráveis e frustrados, para ajudá-los a tomar consciência de sua dignidade e a participar do processo de comunhão com todos os homens" (3).

Dinâmica e pobre, "ela é também uma Igreja peregrina, pois já é essencialmente a humanidade nova, a comunidade de caridade, a comunhão de vida em Cristo, mas em estado de tensão, em estado de esperança" (4).

Os seis objetivos específicos deram origem às já tradicionais linhas ou dimensões gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil (5):

* Levar o Povo de Deus, reunido na Igreja Católica, a uma maior comunhão de vida em Cristo, através

da realização sempre mais plena de sua unidade visível. Linha 1 — Dimensão comunitária e participativa.

* Levar os homens à primeira adesão pessoal a Cristo, através do anúncio missionário da Palavra e do testemunho de vida evangélica. Linha 2 — Dimensão missionária.

* Levar o Povo de Deus a uma maior comunhão de vida em Cristo, através da Palavra e do testemunho de vida evangélica, que iluminam e alimentam. Linha 3 — Dimensão catequética.

* Levar o Povo de Deus a uma maior comunhão de vida em Cristo, através do culto litúrgico integral e das celebrações da Palavra. Linha 4 — Dimensão litúrgica.

* Levar o Povo de Deus a uma maior comunhão de vida em Cristo, através de uma autêntica ação ecumênica. Linha 5 — Dimensão ecumênica e de diálogo religioso.

* Levar o povo de Deus a uma maior comunhão de vida em Cristo, através de sua inserção como fermento na construção de um mundo segundo os desígnios de Deus. Linha 6 — Dimensão profética e transformadora.

4. O Plano Pastoral de Conjunto inicialmente aprovado para os anos 1966 a 1970, não foi confirmado na íntegra para os anos 1971 a 1974. Os bispos constataram a impossibilidade de um plano global para um País tão complexo como o nosso. Os Regionais, as dioceses e os organismos deveriam fazer seus

planos. No entanto, os bispos decidem pelas Diretrizes que tornar-se-ão elo de unidade de toda ação pastoral da Igreja no Brasil.

5. A XIV Assembléia Geral da CNBB (novembro de 1974), resolveu "conservar as diretrizes, isto é, o mesmo objetivo geral e os seis objetivos específicos com as conseqüentes seis linhas" do Plano Pastoral de Conjunto para o período de 1975 a 1978, embora "reformulando suas justificativas com documentos e dados posteriores ao Vaticano II e enriquecendo-as com elementos de reflexão teológica e da experiência pastoral dos últimos anos".

6. Foi a XVII Assembléia Geral da CNBB (abril de 1979) (6) que decidiu reformular as diretrizes de ação pastoral sob a inspiração das conclusões da III Conferência Geral do Episcopado Latino-americano em Puebla. O novo objetivo escolhido naquela assembléia quer expressar os grandes rumos que a Igreja deve tomar, cumprindo sua missão de anunciar o Reino a serviço do Povo de Deus:

1979-1982: Evangelizar a sociedade brasileira em transformação a partir da opção pelos pobres pela libertação integral do homem numa crescente participação e comunhão visando a construção de uma sociedade fraterna anunciando assim o Reino definitivo.

O Objetivo proposto para 1979-1982 é a base de todos os Objetivos escolhidos e aprovados em As-

sembléias posteriores. Há elementos que não faltam mais em nenhum Objetivo até hoje:

- * Evangelizar
- * a opção pelos pobres
- * comunhão e participação
- * a construção de uma sociedade justa
- * o Reino definitivo

O Objetivo geral é, sem dúvida, reflexo do Documento de Puebla com o título "A Evangelização no presente e no futuro da América Latina". Puebla se inspira fortemente na Exortação Apostólica "Evangelii Nuntiandi" de Paulo VI e os Objetivos gerais da CNBB são até hoje, de certo modo, uma síntese bem condensada deste Documento escrito por Paulo VI, levando em conta as conclusões do Sínodo dos Bispos de 1974, dedicado à Evangelização.

Evangelizar

O ponto de partida é Lc 4,18 "O Espírito do Senhor está sobre mim porque ele me ungiu para EVANGELIZAR os pobres", quando Jesus na sinagoga de Nazaré aplicou para si a profecia de Isaías (Is 61,1). Jesus realiza em sua pessoa e em sua vida o que Isaías prenunciara. A Igreja continua a missão de Jesus. Ela existe para evangelizar (7). Mas, para fazê-lo com credibilidade, a Igreja deve evangelizar-se a si mesma por uma conversão constante (8). Evangelizar é

missão de todo Povo de Deus. Esta é sua vocação primordial, "sua identidade mais profunda" (EN 14) (9).

Há vários aspectos da Evangelização que devem ser sublinhados:

* Evangelizar é ANUNCIAR o Reino de Deus, prolongando através dos tempos a missão de Jesus (Lc 4,18) (10).

* Evangelizar é também DENUNCIAR profeticamente tudo que se opõe à dignidade do homem e ao plano de Deus (11).

* Evangelizar é RENOVAR TODA A VIDA DA SOCIEDADE, a partir de dentro (EN 18, EN 20), "modificando pela força do Evangelho os critérios de julgar, os valores que contam, os centros de interesse, as linhas de pensamento, as fontes inspiradoras e os modelos de vida da humanidade" (EN 19).

Anunciar o Evangelho não significa apenas transmitir o *depositum fidei*, oferecer um "pacote doutrinário", ensinar verdades, dogmas, fórmulas, cânones, leis e normas. Aceitar o Evangelho é muito mais que saber responder perguntas de catecismo à guisa de "Pergunte e responderemos". O Evangelho é toda a existência de Jesus. Viver o Evangelho é viver como Jesus, escutar e responder ao chamado de Jesus "Segue-me!" (Jo 1,43; Mt 9,9//), é seguir o Caminho. Jesus mesmo se chama de Caminho (Jo 14,6) e os Atos dos Apóstolos usam até o termo "Caminho" de modo absoluto para designar a comunidade dos

fiéis. "Ide anunciar com destemor ao povo no Templo tudo o que se refere ao Caminho" (At 5,20) (12).

A opção pelos pobres

No texto explicativo às Diretrizes Gerais da Ação Pastoral da Igreja no Brasil 1979-1982 encontramos uma clara e inequívoca tomada de posição dos Bispos do Brasil quando afirmam: "Ratificamos com coragem o mesmo compromisso que em nosso nome, os Bispos em Medellín e Puebla assumiram fazendo 'uma clara e profética opção preferencial e solidária pelos pobres no intuito de sua integral libertação (DP 1134)' " (13).

Este compromisso inclui sempre dois aspectos: a conversão de toda a Igreja, a libertação dos pobres.

O Documento de Puebla é novamente citado quando se fala das conseqüências desta opção e de sua concretização. Não se trata apenas de simpatizar com os pobres em nível meramente afetivo, emocional, ou de alguma espécie de "apoio moral" a eles e seus anseios e aspirações. Não pode haver meia resposta à exclamação de João Paulo II em seu discurso aos Índios de Oaxaca e Chiapas: "Não é justo, não é humano, não é cristão continuar com certas situações abertamente injustas!" (14).

* CONDENAMOS como ANTI-EVANGÉLICA a pobreza extrema que afeta numerosíssimos setores em nosso País;

* esforçamo-nos para **CONHECER** e **DENUNCIAR** os mecanismos geradores dessa pobreza;

* reconhecemos a **SOLIDARIEDADE** de outras igrejas e unimos nossos esforços aos homens de boa vontade;

* **APOIAMOS** as aspirações dos operários e camponeses;

* **DEFENDEMOS** seu direito fundamental de criar livremente **ORGANIZAÇÕES DE DEFESA** e promoção de seus interesses;

* devotamos **ESPECIAL ATENÇÃO** ao problema dos agricultores, dos indígenas e da promoção da mulher (15).

Não há opção pelos pobres quando não se luta pela libertação deles. Quando o Documento de Puebla fala da opção pelos pobres que chama de "preferencial e solidária", acrescenta logo a finalidade desta opção: "no intuito de uma integral libertação" (DP 1134). E quais são os anseios de libertação de nosso povo que devem ser levados em conta pela Igreja? O Documento de Puebla destaca entre os anseios de libertação do povo:

* a igualdade de todos os cidadãos com o direito e o dever de participar no destino da sociedade, com as mesmas oportunidades (DP 503);

* o exercício de suas liberdades amparadas em instituições fundamentais, que garantam o bem comum, no respeito aos direitos das pessoas e associações (DP 504);

* a legítima autodeterminação que permita ao povo organizar-se segundo seu próprio gênio e a marcha da história, e cooperar numa nova ordem internacional (DP 505), na qual as relações de dominação e dependência sejam substituídas pelas de cooperação e solidariedade.

"Os primeiros destinatários da missão são os pobres, sendo a sua evangelização sinal e prova, por excelência da missão de Jesus", afirma o Documento de Puebla (DP 1142). Trata-se realmente de uma exigência radical do Evangelho. A Igreja só tem credibilidade na medida em que descobre sempre de novo esta exigência radical e se liberta da acomodação e do conformismo aos "esquemas deste mundo": "E não vos conformeis com este mundo..." (Rom 12,2).

Comunhão e participação

A dupla utopia "Comunhão e participação" é a coordenada fundamental, a linha básica, escolhida por Puebla para a ação evangelizadora. É uma realidade a ser conquistada. O pano de fundo é a "Opção preferencial pelos pobres" e "Comunhão e Participação" deve ser entendido a partir desta predileção pelo povo simples, pelas classes populares empobrecidas e exploradas (16).

As CEBs, "esperança da Igreja" (EN 58) são um lugar privilegiado de participação livre e responsável em comunhão fraterna, onde as pessoas se abrem, à luz da Palavra de

Deus, para um novo tipo de vida mais humana e evangélica (17).

“Comunhão e Participação” visa também a criar nas pessoas “uma sã consciência social, um sentido evangélico crítico face à realidade, um espírito comunitário e um compromisso social” (DP 1308).

A comunhão fraterna é o fruto da própria ação evangelizadora. A resposta ao anúncio só se completa com a adesão ao Reino, “nova maneira de ser, de viver, de estar junto com os outros, que o Evangelho inaugura. Essa adesão não pode permanecer abstrata e desencarnada, mas se manifesta concretamente pela entrada visível numa comunidade de fiéis” (EN 23).

A construção de uma sociedade justa

A Evangelização a partir da opção pelos pobres, pelo caminho da comunhão e participação, visa à construção de uma sociedade justa, fraterna, solidária. Esta sociedade nova se exprime e manifesta quando e onde há:

* uma qualidade de vida mais humana;

* uma distribuição dos bens e das oportunidades;

* uma convivência social fraterna, onde se respeitam os direitos humanos e se decidem as metas pelo consenso e não pela força ou violência;

* mudanças estruturais que assegurem uma situação justa para todos;

* participação de todos na produção, partilha dos progressos da ciência e da técnica moderna.

Construir a nova sociedade significa revelar todo o poder do Evangelho como força renovadora e transformadora da convivência humana.

O Reino definitivo

A sociedade nova é sinal do Reino definitivo para o qual caminhamos. Sempre imperfeita na história tem como horizonte e utopia “um céu novo e uma nova terra” (Ap 21,1), onde Deus “enxugará toda lágrima... , pois nunca mais haverá morte, nem luto, nem clamor, e nem dor haverá mais. Sim! As coisas antigas se foram!” (Ap 21,4).

Como cristãos, “adeptos do Caminho” (At 9,2) temos que ter consciência de nosso compromisso na edificação da cidade terrena, mas sempre com os olhos voltados para a Jerusalém celeste.

7. Na XXI Assembléia Geral da CNBB (abril 1983) foi escolhido o seguinte Objetivo Geral da Ação Pastoral:

1983-1986: Evangelizar o povo brasileiro em processo de transformação sócio-econômica e cultural a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem à luz da opção preferencial pelos pobres pela libertação integral do homem numa crescente participação e comunhão visando à construção de uma sociedade mais justa e fraterna anunciando assim o Reino definitivo.

Existem algumas alterações em relação ao Objetivo Geral anterior:

* em lugar de "a sociedade brasileira em transformação" se explicita: "o povo brasileiro em processo de transformação sócio-econômica e cultural";

* "a partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem" é o elemento inteiramente novo neste Objetivo. A expressão é usada para assinalar o fundamento e conteúdo essencial da evangelização e segue o esquema do Discurso Inaugural do Papa João Paulo II na III Conferência Geral do Episcopado Latino-Americano em Puebla, em 28 de janeiro de 1979. Na mesma Assembleia Geral da CNBB em 1983 foi aprovado o Documento "Catequese Renovada — Orientações e Conteúdo" que aponta como "Temas fundamentais para uma catequese renovada" "A verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem" (19). A reflexão e a elaboração deste documento influenciaram os bispos no sentido de inserir esta expressão também no Objetivo Geral da Ação Pastoral;

* em vez de "a partir da opção pelos pobres", o Objetivo Geral de 1983-1986 diz "à luz", o que alguns bispos consideraram um enfraquecimento da idéia original. "A partir" seria mais forte que "à luz" e lembraria mais a prática de Jesus desde a manjedoura até a cruz (20). Acrescentou-se também a palavra "preferencial" à opção, em consonância à expressão consagrada pelo Documento de Puebla;

* a sociedade que desejamos construir não deve ser apenas "fraterna", mas "mais justa", termo que no Objetivo de 4 anos depois foi corrigido, suprimindo o "mais". Não existe sociedade mais ou menos justa. Ou ela é justa ou injusta. Não há meio termo.

8. Também o Objetivo Geral da Ação Pastoral escolhido e aprovado pela XXV Assembleia Geral da CNBB (abril 1987) (21) difere pouco do anterior, mas traz alguns novos enfoques:

1987-1990: Evangelizar o povo brasileiro em processo de transformação social, econômica, política e cultural anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres pela libertação integral do homem, numa crescente participação e comunhão, visando formar o povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e fraterna sinal do Reino definitivo.

* Em relação ao "povo brasileiro em processo de transformação" o Objetivo de 1987-1990 explicita ainda mais os tipos de transformação: "social, econômica, política e cultural".

* "A partir da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem" recebe uma correção e um acréscimo: "anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem". O centro da missão da Igreja é o anúncio da Boa-nova do Reino de Deus. A "plena verdade" é o con-

teúdo global, sem reducionismos, da Revelação.

* Para enfatizar que a opção pelos pobres não se reduz a um posicionamento sócio-político em favor dos pobres ou a uma estratégia pastoral entre outras, mas retoma a atitude fundamental de Jesus, o Objetivo Geral acrescenta agora, que ela é "evangélica".

* Em relação à construção de uma sociedade justa e fraterna, há uma novidade neste Objetivo que será literalmente assumida também no Objetivo de 1991-1994. "Formar o povo de Deus" e "participar da construção de uma sociedade justa e fraterna" são duas dimensões complementares e inseparáveis da ação pastoral da Igreja. O Objetivo apela aqui para a síntese de fé e vida: formar o Povo de Deus, para que, inserido no mundo, possa transformá-lo encarnando em suas estruturas os valores evangélicos (22).

O Texto-base do Objetivo 1991-1994 lembra que desde o Antigo Testamento Deus quis formar um povo: "Para que sejam o meu povo e eu seja o seu Deus" (Ez 37,23). A Igreja é o novo Povo de Deus, a grande comunidade congregada daqueles que crêem em Cristo (23), que expressa sua vida em comunidades concretas através da comunhão na fé vivida, celebrada e testemunhada. A nova evangelização exige profunda revisão nas estruturas comunitárias.

9. Assim chegamos ao Objetivo Geral da Ação pastoral para os anos 1991 a 1994. A Igreja no Brasil convida os cristãos a descobrirem os novos horizontes e os conclama para uma "nova evangelização" no marco do 5º Centenário da chegada dos primeiros evangelizadores a este Continente e no limiar do terceiro milênio cristão. Um novo ardor missionário, uma verdadeira paixão pelo Cristo deve abrasar os cristãos e engajá-los na construção do Reino do Senhor. "Jesus Cristo é o mesmo, ontem e hoje; ele o será para a eternidade!" (Hb 13,8). Os dirigentes, os pastores, os agentes da Evangelização mudam (cf. versículo anterior: Hb 13,7), como também mudam os tempos, as situações, as circunstâncias, os problemas e desafios. Cristo, porém, permanece e sua mensagem é eternamente atual: "JESUS CRISTO: ONTEM, HOJE E SEMPRE" é o lema que motivará a ação pastoral da Igreja no Brasil.

A XXIX Assembléia Geral da CNBB (abril 1991) aprovou o seguinte Objetivo Geral da ação pastoral para este quadriênio:

1991-1994: Evangelizar com renovado ardor missionário testemunhando Jesus Cristo em comunhão fraterna à luz da evangélica opção preferencial pelos pobres para formar o Povo de Deus e participar da construção de uma sociedade justa e solidária, a serviço da vida e da esperança nas diferentes culturas, a caminho do Reino definitivo.

Comparando o Objetivo para 1991-1994 com os objetivos anteriores constatamos que o seu núcleo principal continua inalterado. Encontramos quase todos os elementos básicos constitutivos do Objetivo a partir de 1979:

- * Evangelizar (desde 1979);
- * a opção pelos pobres (desde 1979);
- * a comunhão e participação (desde 1979);
- * a formação do Povo de Deus (desde 1987);
- * a construção de uma sociedade justa (desde 1979);
- * o Reino definitivo (desde 1979).

Verificamos, no entanto, que dois elementos que integraram o texto de todos os Objetivos anteriores foram agora suprimidos:

* Não se fala mais do destinatário da ação evangelizadora: a "sociedade brasileira" ou "o povo brasileiro em processo de transformação", como consta dos Objetivos anteriores. Talvez tenha sido eliminado para evitar de enunciar o óbvio ou não restringir a Evangelização aos "brasileiros"; já que existem milhares de pessoas no Brasil que não pertencem ao "povo brasileiro" propriamente dito.

* Estranha e até lamentável é a omissão das palavras "pela libertação integral do homem" que faziam parte do Objetivo desde 1979. Mes-

mo que a dimensão e perspectiva libertadora seja inerente à própria "opção pelos pobres" e inseparavelmente ligada a ela, faz falta que a finalidade desta opção não mais se encontra explicitamente formulada. "A poderosa e quase irresistível aspiração dos povos à libertação constitui um dos principais sinais dos tempos que a Igreja deve perscrutar e interpretar à luz do Evangelho" (24). Deixar de falar de modo explícito desta libertação no Objetivo Geral da ação pastoral constitui uma lacuna, se não um retrocesso.

Há, porém, vários elementos importantes de grande valor, inteiramente novos, que em seguida vamos aprofundar:

* "com renovado ardor missionário";

* em lugar de "anunciando a plena verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem" "testemunhando Jesus Cristo";

* em vez de "numa crescente participação e comunhão", ressalta-se a "em comunhão fraterna" e fala-se mais tarde da participação na construção de uma sociedade justa e "solidária";

* "a serviço da vida e da esperança";

* "nas diferentes culturas";

* "a caminho" do Reino definitivo, onde antes de afirmava: "anunciando assim o Reino definitivo".

(1979-1982 e 1983-1986) ou “sinal do Reino definitivo” (1987-1990).

“Com renovado ardor missionário”

A expressão recorda o que João Paulo II dizia a 9 de março de 1983 em Porto-Príncipe (Haiti) por ocasião da XIX Assembléia Geral do CELAM, quando, no contexto da comemoração de meio milênio de evangelização, se referia à “nova evangelização”: “nova em seu ardor, em seus métodos e em sua expressão”.

O ardor não surge por si mesmo. Só uma profunda experiência de Deus e a paixão pela causa de seu Reino pode suscitar o ardor, o “fervor do espírito” que animava Apolo (At 18,25), a vibração, o entusiasmo, a alegria e a coragem de enfrentar todo tipo de conflito, dificuldade e até perseguição. E a convicção total de Paulo “Eu sei, em quem coloquei minha fé” (2 Tm 1,12) transformada em incondicional adesão a Cristo, que o leva a exclamar: “Ai de mim, se eu não anunciar o evangelho!” (1 Co 9,16) e a sofrer por causa do Evangelho prisões, açoites, apedrejamento, fadigas e duros trabalhos, vigílias, fome e sede, frio e desnudamento, como ele mesmo nos relata e ainda acrescenta: “E isto, sem contar o mais: a minha preocupação cotidiana, a solicitude que tenho por todas as Igrejas!” (cf. 2 Co 11,23-28). A mesma convicção de fé faz Pedro

e João responder com toda coragem aos Sumos Sacerdotes e chefes dos judeus: “É impossível deixarmos de falar das coisas que temos visto e ouvido” (At 4,20).

Este ardor missionário rompe com a acomodação e a rotina e impele a Igreja a ir ao encontro das pessoas e a inserir-se na realidade em que o povo vive, tornando-se “sal”, “luz”, “fermento”.

“Testemunhando Jesus Cristo”

Depois de dois quadriênios com o Objetivo geral da ação pastoral voltado para “o anúncio da verdade sobre Jesus Cristo, a Igreja e o homem”, causa surpresa, o texto, de repente, ser substituído por “Testemunhando Jesus Cristo”, o que, sem dúvida, é mais abrangente.

Os objetivos específicos do Plano Pastoral de Conjunto de 1966 já uniram as duas dimensões: o “anúncio da Palavra” e “o testemunho de vida evangélica”.

De fato, no Novo Testamento encontramos dois termos: “kérygma” (kêryx = pregador, mensageiro) e “martyrion” (mártys = testemunha). Os sinóticos usam mais o termo “euangélion” (boa-nova) e “keryssein” (anunciar, pregar). Só quando Jesus adverte seus discípulos: “Por causa de mim, sereis conduzidos à presença de governadores e de reis, para dar testemunho perante eles e perante as nações” (Mt 10,18 //) o termo originalmente jurídico assume um conteúdo

diferente e torna-se base para o sentido posterior de "mártys" = mártir.

Os termos "euangélion" e "keryssein" faltam no Evangelho de São João. Mas trinta vezes encontramos o termo "martyrein" (em Mt e Lc só uma vez) e treze vezes "martyria" (em Mc duas vezes, em Lucas uma só vez). "Dar testemunho" é por conseguinte uma noção especialmente querida nos escritos de João (25).

Nos Atos dos Apóstolos, os apóstolos são considerados testemunhas da ressurreição de Cristo (At 2,32; 3,15; 4,33; 13,31; 22,15) e de tudo o que Jesus havia dito e feito (At 1,22; 5,32; 10,39; cf. Lc 1,2). Ser testemunha tem aqui o sentido de proclamar solenemente o que os apóstolos viram e ouviram.

Também São Paulo vê seu trabalho missionário à luz do testemunho sobre Cristo (2 Ts 1,10; 1 Co 15,15; 2 Tm 2,2).

Testemunhar Jesus Cristo é antes de tudo e acima de todas as palavras e profissões de fé, viver o Caminho e seguir o exemplo do Senhor. "Dei-vos o exemplo para que, como eu vos fiz, também vós o façais" (Jo 13,15). Vale a pena reler o que Paulo VI escreveu sobre o Testemunho da vida em sua Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi*: "Para a Igreja, o testemunho de uma vida autenticamente cristã, entregue nas mãos de Deus, numa comunhão que nada deverá interromper, e dedicada ao próximo com

um zelo sem limites, é o primeiro meio de evangelização. O homem contemporâneo escuta com melhor boa vontade as testemunhas do que os mestres (...) ou então se escuta os mestres, é porque eles são testemunhas. (...) Será pois, pelo seu comportamento, pela sua vida, que a Igreja há de... evangelizar este mundo; ou seja, pelo testemunho vivido com fidelidade ao Senhor Jesus, testemunho de pobreza, de desapego, e de liberdade frente aos poderes deste mundo, numa palavra, testemunho de santidade" (EN 41).

"Participar da construção de uma sociedade justa e solidária". Há uma pequena, mas muito significativa mudança nesta frase em comparação com os Objetivos anteriores. Falou-se primeiro de uma sociedade "fraterna" (1979-1982), depois "justa e fraterna" (1983-1986 e 1987-1990). No objetivo deste quadriênio o adjetivo "fraterna" aparece "em comunhão fraterna" ligado à missão de testemunhar Jesus Cristo. A sociedade, realização do Projeto de Deus, será uma sociedade "justa e solidária".

Para ela ser justa, exige-se que se dêem a todas as pessoas humanas condições de viver com dignidade e com oportunidades iguais. A sociedade só será solidária, se ela realmente descobre as necessidades e os problemas dos pobres e empobrecidos e toma medidas eficazes para enfrentar a situação desumana em que milhões de mulheres e homens se encontram. A sociedade só

será "justa e solidária", se as barreiras da exploração forem derrubadas (26) e as iníquas estruturas econômicas, sociais e políticas causadoras da miséria forem sanadas em sua raiz e os mecanismos eliminados que, em nível nacional e internacional, produzem ricos cada vez mais ricos às custas de pobres cada vez mais pobres e geram toda esta pobreza e miséria que adquire, como o Documento de Puebla resalta, feições concretíssimas, nas quais deveríamos reconhecer as feições sofredoras de Cristo, o Senhor (27).

A solidariedade, nome bem concreto do amor, expressão de fraternidade sem limites e sem fronteiras, exige uma ruptura com aberturas ou secretas cumplicidades, também da Igreja; com este mundo, culpado pela marginalização de milhões de pessoas humanas e sua condenação à mais miserável condição de não ter, não poder, não saber, não ser, ou apenas existir para alguém aproveitar-se delas e abusá-las. A solidariedade deve fortalecer-se com aqueles que "não existem" ou são considerados "desnecessários" ou "supérfluos" por esta sociedade capitalista e consumista.

A solidariedade está inserida no próprio ser da Igreja, desde que "o Verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14). Jesus assumiu radicalmente a condição humana e é "solidário" até as últimas consequências e ama até o extremo" (cf. Jo 13,1). A Igreja, "sinal de uma nova presença de Jesus... Ela pro-

longa-o e continua-o" (EN 15), é chamada a viver de forma concreta, através dos tempos, a solidariedade de Jesus.

Ao retomar a doutrina da *Populorum Progressio* do Papa Paulo VI, João Paulo II diz em sua Encíclica *Sollicitudo Rei Socialis* que "a questão social adquiriu uma dimensão mundial" e que por isso a solidariedade é um "dever" e uma "obrigação moral" (28). Através da solidariedade na questão social, o "outro" se torna "semelhante" e "participante como nós, do banquete da vida, para o qual todos os homens são igualmente convidados por Deus" (29). E este o nosso desejo e nossa meta: fazer participar os lavradores, operários, os povos indígenas e todos os outros marginalizados, do banquete da vida que o Brasil é capaz de oferecer não só aos ricos e latifundiários, mas também aos Lázarus sem terra e sem mesa (30).

"A serviço da vida e da esperança"

Em um país e num continente em que os mecanismos da morte são tantos, onde diariamente vidas humanas são sacrificadas aos ídolos da riqueza, do poder e do prazer, onde até se fala de uma "cultura da morte", a Igreja quer estar a serviço da vida, anunciar e mostrar o "Caminho da Vida" numa perspectiva de futuro e esperança.

A Edição Pastoral da Bíblia Sagrada (31) dá ao Evangelho de São João o título "O Caminho da Vida"

e explica os motivos na Introdução a este Evangelho (32). Para São João, Jesus é o enviado de Deus para revelar o amor de Deus aos homens e dar-lhes a vida. Deus Pai testemunha seu amor, entregando seu filho único para que os homens tenham vida (Jo 20,30-31). Os homens respondem ao amor do Pai, na medida em que se abrem para o dom do amor, colocando-se a serviço da Vida dos irmãos. Em sua primeira carta, João resume: "Nisto conhecemos o Amor: que ele deu a sua vida por nós. E nós também devemos dar nossas vidas pelos irmãos" (1 Jo 3,16).

São Paulo descreve em Rom 8,24ss a "esperança" como a atitude de aguardar, com confiança e paciência, o que não se vê: "elpís", a esperança, é ao mesmo tempo expectativa, confiança e paciência. Não é uma postura de passividade. A esperança no Senhor é antes a base daquela atitude que nos Atos dos Apóstolos é chamada de "parresia" (At 28,31, cf. At 19,8), a "coragem", "firmeza", o "destemor", a "audácia", com que se deve anunciar o Reino de Deus e enfrentar os desafios da realidade marcada por tantos sinais de morte (33).

O Texto-base do Objetivo Geral da ação pastoral 1991-1994 apresenta alguns sinais dos tempos que já representam "sementes de esperança":

* o ressurgimento das culturas oprimidas, a valorização dos direitos fundamentais da pessoa humana;

* a solidariedade entre os povos;

* o clamor contra as mais variadas formas de injustiça;

* a sensibilidade pelas situações de miséria e de fome;

* o crescente interesse pela ecologia.

"Nas diferentes culturas"

Diz o texto-base que "a Igreja tem consciência de que sua missão exige respeito pelas diferentes culturas". A expressão parece um pouco ufanista. Pode-se realmente afirmar que a Igreja já "tem consciência" desta exigência de respeito que as diferentes culturas merecem? A história da evangelização e as circunstâncias em que ela se realizou ao longo dos séculos, mormente na América Latina, não dão provas convincentes desta "consciência". Existe e continua existindo ainda muito colonialismo religioso em nossa Igreja. No caso dos povos indígenas, em vez de respeitar suas culturas, tentamos durante meio milênio enxertar estes povos numa Igreja supostamente universal, destruindo-lhes sua identidade de povos distintos com, às vezes, milenares culturas específicas. A evangelização sob o signo colonial não conseguiu impedir o genocídio e após cinco séculos, apesar de tantos esforços missionários, até hoje não existe uma Igreja "de rosto indígena".

O atual Objetivo quer chamar a atenção para esta realidade e inaugurar uma nova evangelização, especialmente a partir das culturas dominadas. É uma grande dívida de justiça que a Igreja deve pagar.

Muito se fala e se escreve ultimamente sobre a "evangelização das culturas". Definitivamente não existe uma evangelização fora ou além ou acima das culturas, como se os destinatários do Evangelho se encontrassem em condições assépticas. O Evangelho sempre se revestiu de uma cultura e nem pode existir fora de uma expressão cultural. E quando falamos de "evangelização das culturas", muitas vezes não nos damos conta de que evangelizamos uma determinada cultura a partir de outra cultura, geralmente proveniente da sociedade dominante.

A verdadeira inculturação está estreitamente ligada ao mistério da Encarnação. "Como Cristo, por sua encarnação se ligou às condições sociais e culturais dos homens com quem conviveu, assim deve a Igreja inserir-se em todas essas sociedades, para que a todas possa oferecer o mistério da salvação e a vida trazida por Deus" nos ensina *Ad Gentes* (34). Puebla, citando Santo Ireneu, afirma a mesma verdade em outras palavras: "O que não é assumido não é redimido" (35). A questão da inculturação não é apenas, como às vezes é considerada, um problema da Pastoral indígenista. É um problema de toda a

Igreja. Segundo a Exortação Apostólica *Evangelii Nuntiandi* há no mundo inteiro hoje uma "ruptura entre o Evangelho e cultura" e isso, avalia o Papa Paulo VI, é "sem dúvida o drama da nossa época" (EN 20). Está na hora de a Igreja universal dar-se conta que a Igreja no Brasil precisa e quer evangelizar e exercer sua ação pastoral não em um contexto cultural europeu e de Primeiro Mundo, mas na América Latina, no assim chamado Terceiro Mundo, entre povos não só socialmente, mas também culturalmente oprimidos, não esquecendo os povos indígenas, os negros, as minorias étnicas com suas mais variadas tradições e seus próprios valores culturais (36).

Também não deve ser esquecido o potencial evangelizador do catolicismo popular, que "não é uma decadência do catolicismo oficial, mas possui seu perfil próprio...; talvez seja a única inculturação singular da mensagem cristã na América Latina" (37).

"A caminho do Reino definitivo"

Não foi do alto da cruz que Deus falou a última palavra, mas, ao ressuscitar Jesus, disse seu mais decisivo e irrevogável "Sim" à vida em toda sua plenitude. A cruz de Cristo é a passagem necessária para a ressurreição gloriosa e definitiva. Em meio a vicissitudes e perseguições, sofrimentos e angústias, anun-

ciamos a paixão, morte e ressurreição do Senhor, até que Ele venha. Peregrinos neste mundo, estamos "a caminho" da Páscoa. "Marána thá" (1 Cor 16,22).



QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

1. *Que elementos, desde 1979, estão sempre presentes em todos os objetivos escolhidos e aprovados em Assembléias da CNBB?*

2. *Que elementos NOVOS, o objetivo para 1991-1994 nos traz?*

3. *Como nossa comunidade compreende EVANGELIZAR à luz deste artigo e no lugar concreto em que vivemos e trabalhamos?*

NOTAS

(1) AAS 54, 1062, 28-31. (2) Comunicado Mensal da CNBB Nº 160-161 (Janeiro-Fevereiro 1966). (3) Comunicado Mensal da CNBB Nº 160-161 (Janeiro-Fevereiro 1966), p. 47. (4) *ibidem* p. 47. (5) *ibidem*, p. 48-49. (6) Comunicado Mensal da CNBB, Nº 324 (Setembro de 1979) p. 855 ss. (7) Puebla: Conclusões (Documento de Puebla — DP): nº 4: "A evangelização é a missão própria da Igreja"; nº 4: "A evangelização é a missão própria da Igreja"; nº 75: "a missão fundamental da Igreja é evangelizar, aqui e agora, com os olhos voltados para o futuro"; nº 85: "a Igreja tem conquistado paulatinamente a consciência cada vez mais clara e profunda de que a evangelização é sua missão fundamental"; nº 224: "a Igreja é... depositária e transmissora do Evangelho. Prolonga na terra (...) a presença e a ação evangelizadora de Cristo. Como Ele, vive a Igreja para evangelizar. Esta é sua felicidade e vocação peculiar (EN 14). (8) Exortação Apostólica "Evangelii Nuntian-di", nº 15: "Evangelizadora como é, a Igreja começa por se evangelizar a si mesma. Comunidade de crentes, comunidade de esperança vivida e comunicada, comunidade de amor fraterno, ela tem necessidade de ouvir sem cessar aquilo que ela deve acreditar, as razões de sua esperança e o mandamento novo do amor." DP 349: "A Igreja converte-se cada dia à palavra da verdade." (9) DP nº 348: "A missão evangelizadora é de todo o Povo de Deus. Esta é sua vo-

cação primordial, "sua identidade mais profunda" (EN 14). É a sua felicidade. O Povo de Deus com todos os seus membros, instituições e planos existe para evangelizar." DP nº 1097: "A Igreja, depositária da Boa Nova e evangelizadora, começa evangelizando-se a si mesma" (cf. EN 15). (10) DP nº 227: "a Igreja recebeu por missão anunciar e instaurar o Reino em todos os povos". (11) DP nº 338: "A Igreja tem obrigação de pôr em relevo este aspecto integral de evangelização, primeiro pela constante revisão de sua própria vida e depois pelo anúncio fiel e pela denúncia profética." DP nº 1269: "Em face da situação de pecado, surge por parte da Igreja o dever de denúncia, que deve ser objetiva, denodada e evangélica". (12) Paulo vai a Damasco para prender todos os "adeptos do Caminho" que encontrasse, "homens ou mulheres" (At 9,2) e declara em seu discurso aos judeus de Jerusalém: "Persegui até à morte este caminho" (At 22,4). Apolo foi "insrtuído no Caminho do Senhor e Priscila e Aquila "lhe expuseram mais exatamente o Caminho" (At 18,25-26). Ver ainda At 19,9-23 (em Efeso) e At 24,14-22 (Discurso de Paulo por ocasião do processo diante de Félix). (13) Diretrizes gerais da ação pastoral da Igreja no Brasil, Documentos da CNBB, 15, p. 16 nº 25. (14) Alocução de João Paulo II aos índios e camponeses, em Oaxaca, 29 de janeiro de 1979 (AAS 71, 1979). (15) Cf. DP 1159-1163. (16) Cf.

Pe. J. B. Libânio S. J., Puebla: Conclusões. Apresentação Didática, Ed. Loyola, 1979, p. 68-69. (17) DP nº 629: "Está comprovado que as pequenas comunidades, sobretudo as Comunidades Eclesiais de Base, criam maior inter-relacionamento pessoal, aceitação da Palavra de Deus, revisão de vida e reflexão sobre a realidade à luz do Evangelho; nelas acentua-se o compromisso com a família, com o trabalho, o bairro e a comunidade local." (18) Comunicado Mensal da CNBB nº 368 (Junho 1983), p. 597 ss. (19) Comunicado Mensal da CNBB nº 367 (Maio 1983) p. 425 ss. Documentos da CNBB, nº 26. (20) Cf. Comunicado Mensal da CNBB nº 366 (Abril 1983). (21) Comunicado Mensal da CNBB nº 413 (Agosto 1987) p. p. 1001 ss. (22) Cf. Constituição Pastoral "Gaudium et Spes", 45. (23) Cf. Constituição Dogmática "Lumen Gentium", 9. (24) Cf. Instrução "Libertatis Nuntius" da Congregação para a Doutrina da Fé, 1984, nº I, 1. (25) Cf. especialmente 1 Jo 5,5-12. (26) Cf. João Paulo II, Alocução aos Índios e camponeses, Oaxaca, 29 de janeiro de 1979, AAS 71, 1979. (27) Cf. DP nº 27 a 50 ("Compar-

tilhar as angústias"). (28) Carta Encíclica "Sollicitudo Rei Socialis", 9. (29) Ibidem, 39. (30) Carta Encíclica "Sollicitudo Rei Socialis", 39 e "Populorum Progressio", 47. Cf. "Testemunha de Resistência e Esperança", Discursos de Itaici, D. Erwin Krautler, CIMI 1991, p. 53. (31) Ed. Paulinas, São Paulo, 1990. (32) Ibidem, Evangelho de São João, Introdução, p. 1352. (34) Cf. Gustavo Gutiérrez, "O quinto centenário" em Concilium 232, 1990/6 p. 18 [746]. (34) Decreto "Ad Gentes", 10. (35) DP nº 400. (36) Cf. "Testemunha de Resistência e Esperança", Discursos de Itaici, D. Erwin Krautler, CIMI 1991, p. 89-90, A Evangelização a partir de culturas específicas. Cf. Leonardo Boff, "Nova Evangelização. Perspectivas dos Oprimidos", Ed. Vozes, Fortaleza 1990. (37) Leonardo Boff, ibidem, p. 34. Cf. E. Hoornaert, "O catolicismo moreno", Ed. Vozes, Petrópolis 1990. (38) Palavras aramaicas que passaram para a linguagem litúrgica das primeiras comunidades cristãs e exprimem a esperança da Parusia: "Vem Senhor!" (Ap 22,20 "Vem, Senhor Jesus!") cf. também Didache 10,6. □

Pede-se na oração

Bíblia — "No momento em que Jesus, também batizado, achava-se em oração, o Espírito Santo desceu sobre ele", Lc 3, 21-22.

Leitor — O dom do Espírito Santo é a resposta de Deus à oração de cada um. "O Pai do céu dará o Espírito Santo aos que o pedirem" (Lc 11, 13). Pede-se na oração. Nossa esperança orante tem neste DOM sua resposta definitiva. E quando o Espírito Santo vem, ele recorda, vence todas as nossas amnésias, guia. É o pedagogo que ensina como falar, o que fazer, como rezar e como viver. É a força divina que santifica. Fortalece para não mais pecar, para pecar sempre menos. É o intérprete mais autêntico de nossos anseios mais profundos de santidade. "Vinde Espírito de Deus e enchei os corações dos fiéis com vossos dons. Acendei neles o amor com um fogo abrasador, vos pedimos ó Senhor. E nossa terra renovada ficará, se vosso Espírito, Senhor, nos enviais" (Pe. Marcos de Lima, SDB).

A PRÁTICA MISSIONÁRIA DE JESUS DE NAZARÉ E DOS SEUS DISCÍPULOS

Ministério itinerante. Pessoas e lugares diferentes. "Vamos às aldeias e cidades circunvizinhas para que eu pregue, também lá, pois para isso é que vim."

GRUPO DE REFLEXÃO E AÇÃO MISSIONARIA CRB/NACIONAL

I. A PRÁTICA MISSIONÁRIA DE JESUS

1. A Missão Trinitária se concretiza no tempo e no espaço

"E o verbo se fez carne e habitou entre nós" (Jo 1,14)

Com a encarnação de Jesus inicia-se uma nova fase missionária, a encarnação é o fato mais significativo para os povos, a encarnação aproxima as distâncias geográficas e sócio-culturais, mas sobretudo a distância ontológica: Ele se fez "Emanuel, Deus conosco" (Mt 1,23). O fundamento da autenticidade e do valor da missão de Jesus Cristo está na pré-existência do Verbo de Deus. A encarnação é a linguagem escolhida por Deus para comunicar-se com os homens e para realizar o plano de Salvação.

Jesus enviado pelo Pai é o missionário por excelência. A sua missão foi anunciada e preparada ao longo de muitos séculos, ela dá continuidade à revelação divina contida no Antigo Testamento. A revelação de Deus em Jesus Cristo é a confirmação e um novo modo de se tornar presente entre os homens, é a irrupção da bondade divina no humano. O seu "ser com Deus" de Jesus é que dá valor ao seu "ser com os homens". A missão *ad extra*, expressão concreta da SS. Trindade faz parte do plano salvífico de Deus Pai e toma um vulto humano no Filho eleito e muito amado. "A revelação de Deus torna-se definitiva e completa na obra de seu Filho unigênito"... nesta palavra definitiva de sua revelação, Deus deu-se a conhecer de modo mais pleno: Ele disse à humanidade quem é (*Redemptoris Missio*, 5).

Com a vinda de Jesus ao mundo começa para toda humanidade, uma "Nova história", que é a história da Salvação que começou com a criação do homem e terminará no fim dos tempos. Com Jesus o "antigo" cede o lugar ao "novo", e com Jesus a Igreja encontra a sua razão de "ser" e de "agir", a razão da sua missionaridade. Com Jesus, o fio condutor da missão do AT, limitado e fechado em si, abre-se para todos, toma um novo vulto, um novo direcionamento: "a todos os povos..." (Mt 28,16-20); em Jesus todas as nações se tornam "eleitas", solidarizam-se, beneficiam-se dos dons de Deus do seu amor gratuito em Jesus Cristo.

2. A Consciência missionária do enviado do Pai

Os Evangelhos mostram o Cristo com uma consciência clara de sua missão. Só no Evangelho de João este tema aparece mais de quarenta vezes. Um dos textos que mais evidencia esta consciência missionária de Jesus é o de João 16,28: "saí do Pai e vim ao mundo; de novo deixo o mundo e vou para o Pai". Aqui Jesus expressa claramente o caráter itinerante da sua missão, de fato, após ter terminado a missão confiada-lhe pelo Pai, volta de novo para Ele.

As palavras, os gestos e a atitude de Jesus revelam esta sua consciência missionária, são a clara realização do seu mandato.

A missão de Jesus é levada adiante pelo anúncio de novos tempos, pelas suas atitudes e palavras proféticas que atraíam multidões, as páginas do evangelho estão cheias dessa verdade (cf. Mat 9,35-36; 13, 1-2; 4,25; Mc 3,7-11; Lc 5,1-3,6 17-19; 8,19-40; 3,37; Jo 10,11-14).

3. A Missão preferencial de Jesus

Na Sinagoga de Nazaré (Lc 4, 16-30). Veio a Nazaré onde fora criado e, segundo o seu costume, entrou na sinagoga em dia de sábado... (Lc 4,16).

Na Sinagoga de Nazaré, Jesus retomando o texto de Isaías (cf. Is 61,12;58) proclama solenemente o conteúdo, a meta e a motivação de sua missão quando diz: "O Espírito do Senhor está sobre mim, eis porque me ungiu e enviou-me a evangelizar os pobres, curar os contritos de coração, pregar aos cativos a libertação e aos cegos restituir a vista, restituir a liberdade aos oprimidos e proclamar o ano de graça do Senhor" (Lc 4,18-19). Jesus no seu discurso confirma a sua preferência pelos pobres e a vinda do Reino de Deus, como a revelação do ano de graça, isto é, o surgir de uma nova sociedade, baseada na igualdade, onde não há mais pobreza e miséria. Jesus define o sujeito privilegiado da sua mensagem "os negados da sua pátria".

4. As características da missão de Jesus

Ele se põe a ensinar no lugar onde as pessoas se reúnem: na sinagoga, no sábado (Mc 1,21). Ele anuncia um ministério itinerante, indo até as pessoas e a lugares diferentes: "vamos às aldeias e cidades circunvizinhas para que eu pregue, também lá, pois para isso é que vim" (Mc 1,35-38). Suas palavras e gestos abriam espaços para futura missão apostólica para "todas as gentes".

A missão de Jesus caracteriza-se não só pelo anúncio, mas também pela denúncia das estruturas de opressão, da hipocrisia, da maldade que tornavam o povo escravo e, por uma postura nitidamente em favor dos oprimidos e marginalizados, dos pequenos, dos últimos, daqueles que não eram tidos em conta pela sociedade, revelando que os últimos serão os primeiros (Mc 10, 31) e que os pobres devem ser amados e defendidos e, como é difícil os ricos se salvarem, entrarem no Reino de Deus (cf. Mc 10,25).

A prática de Jesus é prática de justiça, ela não visa somente a dar a cada um o que lhe cabe e merece, mas age sobre toda situação social para criar uma ordem mais humana. "A prática de justiça é a forma histórica que a prática de Jesus assume. A prática de Jesus, prática de serviço ao Reino, que é trans-histórica, começa já agora a ser realidade histórica, ainda que

aproximativa, sempre imperfeita, nunca plenamente realidade" (1). Isso atraiu contra Ele inveja, ódio e, a oposição daqueles que viam-se desmascarados em suas atitudes hipócritas e egoístas. Jesus anunciou e denunciou dentro da realidade e a partir de uma mentalidade concreta, exigindo compromisso, conversão, justiça e fraternidade. O seu amor foi um amor "situado" dentro do campo sócio-político-religioso, onde o pecado se aninha e se estrutura, onde os homens fazem as transações da vida, onde o coração do homem se manifesta e deposita o bem e o mal; é nesse campo que Jesus entra e age como o grande libertador do coração do homem e das estruturas injustas criadas pelos homens.

5. O cumprimento da missão de Jesus

A tarefa fundamental de Jesus é cumprir até o fim a missão que lhe foi confiada pelo Pai: "Meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e realizar a sua obra" (Jo 4,34).

A morte de Jesus na cruz foi a consequência de uma vida comprometida, dentro de uma realidade de tensões e de conflitos, em favor dos desprezados e marginalizados, dando assim a prova maior do seu amor: "deu a vida por aqueles que amava" (cf. Jo 15,13; 11,47-53). Jesus

(1) Cf. SUESS, Paulo In: Queimada e Semeadura p. 221.

devia morrer e depois ressurgir (Mt 16,21-22). A cruz de Jesus torna-se o ápice do escândalo, do escondimento da encarnação, da sua existência humana, de toda sua vida terrena. O filho do homem constituiu uma pedra de tropeço, um obstáculo para sua vida terrena. O filho do homem constituiu uma pedra de tropeço, um obstáculo para os seus adversários até para os seus discípulos que ainda conseguiam entrar na lógica do mestre, nesse sentido, como uma certa tristeza diz a eles, no início da sua paixão: "todos vós sereis escandalizados por minha causa nesta noite" (Mt 26, 31; Mc 14,27). Então todos os discípulos os abandonaram e fugiram" (Mt 26,56). A hora da cruz é a sua hora, a hora pela qual veio ao mundo e na qual será glorificado (cf. Jo 12,27); a hora que inaugura uma outra hora, é a hora do retorno ao Pai, depois de ter cumprido a sua missão para receber a glória do "servo fiel", é a hora que resume toda a sua vida de fidelidade a Deus e aos irmãos, é a hora que revela explicitamente o sentido da sua morte, isto é, a conclusão da sua opção de vida é a hora de um resultado lógico de uma conflito histórico desencadeado pela fidelidade de Jesus na prática do Reino, fidelidade ao Pai e à libertação do homem, é a hora que dá valor, sentido, explicação ao "fazei isto em memória de mim", é a hora em que, ciente de ter cumprido a sua missão diz as palavras que expressam esta sua consciência: "tudo é consumado" (Jo 19,30). É a hora que torna pos-

sível e efetiva a missão universal pelos apóstolos. A Missão de Jesus é cumprida, agora precisa anunciar a Boa Nova da salvação a todos.

6. A confirmação e a epifania da missão de Jesus

O caminho da missão de Jesus, a sua missão salvadora foram confirmadas pelo Pai com a sua ressurreição dos mortos. A missão salvadora de Jesus foi toda voltada e orientada em direção ao mistério pascal. A Páscoa, nova e eterna aliança é o ponto de chegada da missão de Jesus, o coroamento da sua obra de salvação em favor de toda a humanidade. A partir do mistério pascal a Boa Notícia é anunciada ao mundo todo: "Ide portanto e de todas as nações fazei discípulos" (Mt 28,19); com isso, a missão apostólica universal é posta em ação.

A promessa de Jesus se cumpre e se manifesta no Pentecostes, com o dom do Espírito "vocês serão batizados com o Espírito Santo... e dele recebereis força para serem minhas testemunhas em Jerusalém e em toda Judéia e Samaria e até os extremos da terra" (At 1,5;8).

O Pentecostes torna-se o batismo dos seguidores de Jesus; pelo Espírito, eles compreenderam tudo o que aconteceu com Jesus. Começa assim, uma nova era, a era do Espírito que faz reviver a "memória" de Jesus de Nazaré que expressa o laço que existe entre a missão do antigo testamento, a missão de Cristo e a missão do Espírito Santo, de

fato. Ele "não falará de si mesmo, mas dirá tudo o que tiver ouvido" (Jo 16,13). "Porém a era do espírito não parece destinada a se fechar tão cedo. O Evangelho é uma palavra dita, mas mais ainda, talvez é a dizer; só o Espírito sabe qual é a sua última explicação e atualização" (2).

II. A PRÁTICA MISSIONÁRIA DOS DISCÍPULOS DE JESUS

Os apóstolos são as testemunhas de Jesus por excelência. O real contato com Jesus é o ponto de partida da missão deles.

"O que ouvimos, o que vimos nós vo-lo anunciamos" (cf. I Jo 1,3).

O Pentecostes dá início à missão da Igreja (cf. En 6,12,75; Ag 4). Missão do discípulo é continuar a missão do mestre, o primeiro encontro de Jesus ressuscitado confirma este mandado aos seus discípulos quando disse: "como o Pai me enviou também eu vos envio" (Jo 20,21).

1. A missão em sentido universal

A missão de Jesus não se restringe só à Palestina, ela tem caráter universal, pois o amor de Deus é para todos, o Espírito não está reservado só a algumas pessoas, mas é dado a todos sem distinção e privilégios. Pelo Espírito, todos se tor-

naram capazes de compreender e comunicar o que Deus realizou em Jesus Cristo. O efeito visível e histórico da comunidade que recebe a plenitude do Espírito é a realização e a continuação da missão de Jesus Cristo, levada à frente pelas testemunhas, em sentido universal. A característica da missão "a todos" irrompe na história pelo Pentecostes revelando o sentido implícito da missão de Jesus Cristo que, durante a sua vida terrena realizou-se num espaço geográfico bem limitado: Judéia, Galiléia, Palestina "para as ovelhas perdidas de Israel" (Mt 15, 24). "E eu, elevado da terra, atrairei todos os homens a mim" (Jo 12,32).

A nota final de Lucas, Atos 2, assinala a expansão irresistível do novo povo de Deus: "louvavam a Deus e eram estimados por todos e a cada dia o Senhor acrescentava à comunidade outras pessoas que iam aceitando a salvação".

A primeira comunidade dos discípulos é uma comunidade que se expande em todos os tempos e lugares e expressa a universalidade da missão de Cristo, a dimensão nova do mandado missionário explícito de "ir" anunciar o evangelho a todos os povos (Lc 2,31-32). A semente cresce e se expande pela fé, pela palavra, pela oração, pelo testemunho dos discípulos, em todos os tipos de sociedade, de modo que, não é mais preciso judaizar o povo para depois cristianizá-lo, assim como, não é preciso romanizar a América para depois evangelizá-la,

(2) Cf. SPINETOLI, *Ortensio. Chiesa delle Origini, Chiesa del futuro*, p. 132.

pois Jesus Cristo está presente em todas as culturas; missão do discípulo será descobrir o rosto de Cristo dentro das culturas, das situações anti-humanas que deturpam a presença divina nos irmãos e, a partir disso, proclamar o mistério do Filho de Deus.

2. A missão na ótica do pobre

Lucas pondo o *magnificat* na boca de Maria, denuncia todo um sistema de dominação e opressão e anuncia a libertação dos pobres e oprimidos; no *magnificat* transparece a mudança radical do projeto dominador, uma nova era desponta para comunidade dos pobres, o velho é superado pelo novo, pois Deus visita e liberta o seu povo.

A pobreza é condição essencial para o Espírito poder agir com liberdade. O filho de Deus torna-se Jesus de Nazaré, identificando-se com os pobres e oprimidos. Ele vai continuar a nascer e agir pela ação do Espírito, onde houver pessoas capazes de acreditar e acolher como Maria, o mistério da salvação. Deus age na pobreza para suscitar vida, o nascimento de João Batista, também é revelação disto (cf. Lc 1, 25; 7).

A visita de Deus ao seu povo, obriga a dar um pulo no escuro da fé e no seguimento de Cristo e a pensar decididamente que os últimos são os primeiros e que os desprezados devem ser acolhidos e defendidos, pois o amor de Deus se fez Homem, fez a sua irrupção na

história para socorrer e salvar aqueles que não contam para sociedade.

Lucas nos Atos e no seu Evangelho procura mostrar que o Espírito Santo depois de ter sido guia de Jesus, torna-se guia dos discípulos na difusão do Evangelho, num esquema missionário, a partir dos pobres e, em defesa dos pobres, dentro de um compromisso sócio-político, em sentido universal, num processo de crescimento.

Lucas percebe que a história é a luta entre ricos e pobres e que o poder e a riqueza são as molas propulsoras do agir dos ricos. Lucas se define a favor dos pobres, fazendo deles o sujeito histórico que dá continuidade a história de Israel. O Evangelho de Lucas é o evangelho da comunidade dos pobres, sua radicalidade se manifesta em projetar um modelo de Igreja em torno dos apóstolos, mostrando que, esse tipo de Igreja pode conviver com o Império romano.

3. A marcha do poder da missão

A tese conciliativa de convivência pacífica entre ricos e pobres, opressor e oprimido, entre a paz aparente que o sistema oferece à comunidade dos pobres torna-se extremamente difícil para o homem Latino-Americano poder admiti-la. Se para Lucas a marcha triunfal da missão deu certo, a história milenária da missão desmente essa certeza, pois a marcha da missão não foi o espelho da marcha triunfal dos pobres. Conhece-se uma

marcha de poderes, uma aliança escandalosa entre a Igreja e o projeto colonizador, escravizando uma grande massa do povo Latino-Americano e tantos outros povos. Salvaguardando as tentativas históricas de ações significativas de libertação que, porém, sempre foram reprimidas, espontânea vem a pergunta: o que fizemos ao longo dos séculos da missão salvadora de Cristo e da ação do Espírito nos homens e na Igreja? Por que ainda hoje há tanto silêncio em torno da proposta de "libertação integral do homem" de Medellín?

4. A marcha profética da missão

Se ao longo da história, sempre houve fases em que a Igreja ficou presa ao poder, ao seu passado, às suas estruturas, não conseguindo mais libertar o Espírito e fazer a missão, se há peso da história de ontem e de hoje, que torna a Igreja incapaz de superar certas barreiras, há porém o Espírito que sempre provoca e suscita homens e mulheres capazes de superar os conflitos históricos, de entrar no coração da história, na luta, romper os obstáculos e se tornarem sinais capazes de refazer o Reino de Cristo no mundo: são os profetas que, em nome de Cristo avançam na história devolvendo à Igreja e ao mundo o seu sentido e valor original.

O missionário que opta para este tipo de missão acolhe e celebra na história concreta dos povos a experiência profunda do Espírito pela solidariedade com os últimos da his-

tória, ele põe os desafios pedagógicos a serviço dos protagonistas principais da evangelização ciente que, o método já engloba e pertence ao mesmo conteúdo da evangelização. É este o caminho da cruz, caminho que incomoda a quem prefere os privilégios à profecia; é o deserto com as suas incertezas, suas dúvidas, suas alegrias e esperanças; é dar um pulo no escuro da fé e no seguimento de Cristo. É a experiência profunda que nasce e jorra na prática da libertação dos prediletos de Deus, o povo empobrecido e oprimido, experiência oferecida a quem deseja caminhar no rumo proposto por Cristo libertador da história e dos povos.

5. O caminho da missão da Igreja Latino-Americana

A Igreja da América Latina, hoje, assume uma postura profética em relação à situação atual da justiça e do processo de libertação do pecado social estrutural. Esse novo modo de fazer missão faz nascer a Igreja de Cristo no coração do homem, das culturas, da história, faz nascer uma Igreja sol capaz de iluminar os seus filhos com a própria luz. Para a Igreja da América Latina, a humanidade constitui o templo de Deus, o terreno grávido do amor e da bondade de Deus. A Igreja do continente, sacramento de comunhão, servidora e missionária proclama a necessidade de criar o homem novo, cheio de esperança, que assume um compromisso social em vista de criar uma nova sociedade (Puebla

1308), mostra também a vitalidade do continente e a peculiaridade das suas experiências cristãs e a sua originalidade que pode ser oferecida a outros povos, como as experiências das comunidades eclesiais de bases, as riquezas dos mistérios e serviços, as esperanças e a fé simples e concretas do povo a atuação dos leigos, a inserção de religiosos entre os pobres, a presença simples dos bispos no meio do povo, devoção a Maria (Puebla 1309), a sensibilidade para libertação e salvação (Puebla 480-483), a riqueza de sua originalidade popular (Puebla 445-453).

6. A missão libertadora

Novo caminho da missão

O modelo de libertação proposto pela Igreja Latino-Americana não é a ação do missionário ou de qualquer agente cristão de fora sobre os pobres; a libertação é um processo, é ação, é luta dos pobres contra o pecado de opressão e exploração, pecado cometido por eles mesmos quando, tendo consciência da situação, o aceitam passivamente. A libertação não é uma mensagem, mas é ação do próprio empobrecido e oprimido. Ao agente, comprometido com a realidade cabe descobrir o nexos entre evangelização e ação, entre fé e vida, entre a salvação e promoção humana, e estabelecer uma unidade de operação; cabe-lhe também, promover a unidade dos objetivos da missão para que a libertação não seja um conjunto de doutrinas ou de obras assistenciais e sim, o próprio conteúdo da salva-

ção, isto é libertação total. Perceber e favorecer este vínculo de unidade entre o objeto-evangelização e objeto-libertação é exigência profunda e vital na missão de hoje, na América Latina.

A nova missão libertadora abre caminhos para que o povo oprimido perceba as causas da situação de injustiça e procure combatê-las, optando por uma maneira nova de seguir a Jesus de Nazaré: o campo social e político tornar-se-á o campo religioso, o campo das suas ações libertadoras, das grandes experiências com o Deus libertador. O caminho da nova missão Latino-Americana segue e acompanha a prática missionária de Jesus de Nazaré e dos primeiros discípulos, é o caminho do povo espoliado que, na força da Palavra e do Espírito revela ao mundo a missão de Jesus, o projeto do Pai, é a maneira nova de Deus existir e se revelar no modo de ser e de agir do homem Latino-americano, voltado para todos os povos.

QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

1. *Quais os traços característicos da atividade missionária de Jesus?*
2. *Que relação Você percebe entre missão universal e inculturação?*
3. *Você ou sua comunidade concreta estão de acordo com o texto do artigo quando diz que "o campo social e político tornar-se-á o campo religioso... das grandes experiências com o Deus libertador"?*

O ESPÍRITO SANTO PROTAGONISTA DA MISSÃO

Desde os primórdios, a missão é obra do Espírito. Os apóstolos só tiveram coragem depois de receberem o Espírito Santo.

“Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo”, Evangelii Nuntiandi, 75.

Irmã Maria Sônia Mueller, SSPS

São Paulo, SP

Falar do Espírito não é fácil, pois vivemos no mundo e na cultura moderna onde se valoriza, de modo particular, o material, o empírico. Muitas vezes, chega-se a pensar que o espiritual não seja real e nem tenha peso e vida.

Desde os gregos, as palavras espírito, espiritual, estão relacionadas com pensamento, com o intelectual, com atividades materiais. Como nós, do ocidente, somos herdeiros da cultura grega, carregamos conosco esta dicotomia entre o espiritual e o material. Isto faz com que ao falar do espiritual, imagine-se logo algo aéreo, sem conteúdo real. A Bíblia nos apresenta uma outra visão do Espírito. O termo Espírito, “ruah” em hebraico, quer dizer vida, movimento, realidade (SI 104,30; Dn 37).

O Espírito Santo é um poder (Lc 1,35; 24,49; At 1,8; 1 Cor 2,45), enviado de junto de Deus por Cristo (At 2,33) para a difusão da Boa Nova. O próprio Espírito não se opõe à matéria, mas à morte, à letra morta, à carne frágil e mortal (Rm 8,26; Gl 5,16-25).

Há uma outra constatação que não podemos deixar de fazer. A teologia do Ocidente, de modo geral, se preocupou muito pouco com a pneumatologia. Deste modo, a produção teológica sobre o Espírito é incipiente e inicial.

Estas realidades tiveram e ainda têm grande influência sobre a reflexão e a práxis da Igreja.

Temos muito a aprender da Igreja Oriental no que diz respeito ao Espírito Santo. Ela conservou na

sua liturgia e na sua teologia, assim como na fé do povo, uma profunda consciência do papel do Espírito Santo.

É bem verdade que na América Latina a volta da Igreja para os pobres vem acompanhada por uma renovação da consciência do Espírito Santo.

A obra missionária é obra do Espírito desde os primórdios da Igreja. Só depois que os apóstolos receberam o Espírito Santo é que eles tiveram a coragem de enfrentar o público (At 2,14ss) e anunciar Jesus Cristo (At 4,8.31; 5,22; 6,10).

A ação do Espírito se faz presente nas decisões importantes da Igreja nascente: na admissão dos gentios na Igreja (cf. At 8,29.39; 10,19,44-47); na abolição, para eles, das observâncias legais (At 15,28); na missão de Paulo no mundo gentio (At 13,2s; 16,6-7; 19,1).

Queremos, neste pequeno texto, refletir sobre o Espírito Santo e a ação evangelizadora. Paulo VI diz: "Nunca será possível haver evangelização sem a ação do Espírito Santo" (EN 75).

1. O Espírito agindo na história

Podemos dizer que o Espírito, como vigor e força que tudo perpassa, sempre esteve no mundo, o mundo é o grande templo do Espírito

desde o primeiro momento de sua criação é habitado por Ele (Gn 1,2).

Já no AT, o Espírito se manifesta através dos líderes carismáticos, levando o povo à vitória contra os seus inimigos (cf. Jz 3,10; 6,33; 11,29; 13,25; 14,6-9; 1 Sm 11,6); através da profecia (cf. 1 Sm 10,1; Nm 11,24-30) e também pela atuação do rei (cf. 1 Sm 16,13).

É o Espírito que suscita profetas que denunciam o excesso autoritário do rei e lhes dá força para suportarem a perseguição e o martírio. O Espírito é conferido ao Servo sofrido, desarmado de toda pompa. Ele é ungido para libertar, mediante o sofrimento, das injustiças e opressões e resgatar o direito dos pobres (Is 16,1; cf. 11,2; 42,1s). O Messias como o servo sofrido, receberá a plenitude do Espírito. O próprio Jesus ao lançar seu programa libertador usa o texto profético de Isaías (61,1).

O Espírito age através de Jesus: "foi conduzido pelo Espírito" (Mt 4,1); voltou à Galiléia, com "a força do Espírito" (Lc 4,14). Jesus terminou sua missão aqui na terra. É o Espírito Santo que continuará a obra do Pai iniciada por Jesus Cristo. Ele atualiza a presença de Jesus e traz à memória sua palavra (Jo 14,26).

O próprio Espírito é dado aos discípulos: "recebei o Espírito Santo" (Jo 20,22).

O Espírito de Deus está agindo na sofrida história da América. Ele

está se manifestando mais do que nunca, “no sangue dos mártires, no testemunho em meio às perseguições, no testemunho, na presença e no dom desinteressado de si mesmos de milhões de cristãos modestos e anônimos” (1).

Em virtude da missão do Espírito, as pessoas são assumidas por Deus em sua multiplicidade e diversidade de dons (1 Cor 12,4-11).

O Espírito é enviado para fazer agir. Suas ações são nossas ações. O Espírito não tem ações próprias. Tem apenas as nossas. Deste modo, nossas ações se tornam ações do Espírito de Deus, tornando-se missão do Espírito.

“Pelo Espírito, nós nos tornamos capazes de criar atos totalmente nossos, únicos como nós somos únicos” (2).

É o Espírito que integra todos os homens no Cristo, “reúne tudo no Cristo” (Ef 1,10), “em um só corpo” (Ef 2,16). A integração no Espírito não se dá pela redução das diferenças. A unidade do Espírito é aquela que envolve a maior diversidade possível (cf. 1 Cor 12,4-11).

Nossas ações não são isoladas. Situam-se na história. São feitas pela história e fazemos com que a história seja a história de cada indivíduo, seja a história da coletividade humana.

A história é ambígua. E é nesta história que se situa o agir missionário de todo aquele, de toda aque-

la que se dispõe seguir a voz do Espírito.

O Espírito Santo conduz e dirige a história por persuasão, por insinuação e não pela imposição. Sua ação é libertadora, é uma obra de infinita multiplicidade e diversidade. Ele não age para uniformizar. O Espírito é a fonte de uma variedade infinita. Ele é também o Espírito da unidade, não mediante a uniformidade e a submissão comum a uma simples lei.

É na história que a Igreja concretiza sua única missão através das diferentes tarefas (cf. Doc. 40 CNBB, nº 67) (9). A tarefa missionária é hoje, freqüentemente, expressa pela palavra evangelização (Doc. 40 CNBB, nº 68 (10)).

“Através do Espírito Santo o Evangelho penetra no coração do mundo, porque é ele que faz discernir os sinais dos tempos — os sinais de Deus — que a evangelização descobre e valoriza no interior da história” (EN 75).

2. O Espírito na vida do missionário

A própria evangelização é obra do Espírito. Jesus evangeliza através da mediação dos evangelizadores. São as pessoas que encarnam na história a missão de Jesus e do Espírito. O Espírito multiplica os missionários para que, por meio deles, seja proclamada a palavra da Palavra, Jesus Cristo.

“Ele é aquele que, hoje ainda, como nos inícios da Igreja, age em cada um dos evangelizadores que se deixa possuir e conduzir por ele, e põe na sua boca as palavras que ele sozinho não poderia encontrar, ao mesmo tempo que predispõe a alma daqueles que escutam a fim de a tornar aberta e acolhedora para a Boa Nova e para o reino anunciado” (EN 75).

É pelo Espírito que as pessoas poderão entrar em contato com Jesus (cf. 1 Cor 12,3). O evangelho não visa ensinar uma história da salvação ou uma ética, ele traz consigo um dom, uma novidade: o Espírito enviado pelo Pai e por Jesus Cristo, para fazer com que neste mundo tudo seja novo e as pessoas possam ser filhos e filhas de Deus (cf. Rm 8,14-17).

O evangelho é Jesus. Seu batismo mostra a presença do Espírito sobre Ele (Mt 3,17) como força para evangelizar (Cf. Lc 4,18-19). O mesmo Espírito é prometido (At 1,8) e dado aos Apóstolos (At 2,4) e enviado aos missionários de todos os tempos por que sem o Espírito se faria uma obra de conquista e de expansão.

“Muitas vezes, na história, a Igreja tem substituído a evangelização por uma obra de extensão ou de expansão cultural graças à força das armas, da riqueza ou da pretensa superioridade cultural” (3). Assim se explica, em grande parte, a conquista religiosa da América. Para uma obra deste tipo não é necessário o Espírito Santo, basta o espírito em-

presarial, a capacidade de organização e os meios materiais adequados.

Comblin diz: Para que a missão seja realmente a missão de Jesus Cristo, para que a mensagem seja realmente o evangelho de Jesus Cristo, para que os pobres, o “outro”, as pessoas simples sejam realmente os portadores do evangelho, para que os meios usados sejam realmente os que mostram a realidade de Jesus por meio de sinais verdadeiros, por meio da cruz, por meio do testemunho da ressurreição, o Espírito é indispensável. Pois tal obra é sobre-humana. Supõe uma transformação da personalidade, um ânimo e uma coragem extraordinários. Sem a força do Espírito não se pode permanecer fiel ao verdadeiro conteúdo do evangelho sem reduzi-lo a uma ideologia humana. Sem o Espírito não se pode anunciar o evangelho usando o caminho e os meios escolhidos por Jesus (4).

A evangelização não é uma repetição mecânica de uma fórmula, mas é a criação da mensagem no Espírito (Jo 14,26). Por isso, cada evangelização é uma criação nova, um ato particular e novo, criado pelo Espírito.

Para que o missionário possa permanecer nesta fidelidade ao Espírito, ele necessita de uma conversão permanente de suas idéias e aspirações pessoais.

“O Espírito orienta o Magistério da Igreja para que este oriente os

missionários. O Magistério também está sujeito à tentação de submeter o evangelho à cultura, à política humana, a uma falsa prudência baseada no uso dos meios humanos: aliança com os poderosos, com os sábios e com os ricos. Por isso, o Magistério tem que se converter sempre ao Espírito, para converter-se também ao evangelho de Jesus Cristo (4).

Paulo VI diz: "As técnicas de evangelização são boas, obviamente; mas, ainda as mais aperfeiçoadas, não poderiam substituir a ação discreta do Espírito Santo. A preparação mais apurada do evangelizador nada faz sem Ele. De igual modo, a dialética mais convincente, sem Ele, permanece impotente em relação ao espírito humano. E ainda, sem Ele, os mais belos elaborados esquemas com base sociológica e psicológica em breve se demonstram desprovidos de valor" (EN n.º 75).

3. Os pobres são os evangelizadores

Para que no mundo haja VIDA em plenitude, é necessário que o missionário descubra e viva em profundidade a centralidade do pobre. É o Espírito que coloca o pobre no centro da missão de Cristo (Lc 4,18) e é o mesmo Espírito que coloca o pobre no centro da atenção de todo missionário.

"Os pobres evangelizam a partir de sua pobreza: o clamor dos pobres na aflição e na miséria é o

primeiro anúncio da libertação e o primeiro testemunho do reino de Deus. Os pobres só têm a palavra e por isso confiam em Deus" (5).

Se observarmos a história da missão na Igreja, podemos perceber que todos os renascimentos da missão se fizeram a partir da pobreza.

O Espírito se manifesta de muitos modos e no mundo inteiro. Podemos dizer que está presente com muita força na AL. Alguns sinais bastante claros convergem para a experiência do Espírito.

Na atualidade em muitos lugares o povo cristão lê a Bíblia de novo segundo uma exegese espiritual-histórica. A leitura é feita num ambiente de alegria; aparece a verdade sobre o mundo de hoje, a situação atual fica clara e as pessoas sabem como devem agir.

Um outro sinal da presença do Espírito é o despertar para a liberdade nos mais diferentes setores da vida. Emerge a força do novo, da renovação, da busca de libertação. Os pobres se organizam; surgem as associações e movimentos nas periferias urbanas. Os grupos minoritários estão se articulando na defesa de seus direitos.

Certamente as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) são fruto do Espírito. Elas, através de suas práticas, reforçam a vida no intercâmbio, na reciprocidade das relações e na opção preferencial pelos pobres.

“Os pobres tomam a palavra: eis uma realidade nova na AL. Eles próprios ficam admirados” (6). Falam na comunidade e fora dela; fazem a defesa dos seus direitos. A experiência da comunidade é, sem dúvida, uma manifestação do Espírito. A sociedade sempre se esforçou por destruir todas as manifestações comunitárias entre os pobres. Hoje assistimos algo maravilhoso: a comunidade torna-se o centro da vida, melhor dito, ela cria uma vida social em que todos participam. A vida é recuperada; a prática de Jesus é recriada (cf. Jo 14,26). A comunhão nasce, respeitando-se a diversidade.

4. O âmbito da missão

João Paulo II diz que a missão não tem fronteiras (cf. RM 37), aponta para três situações missionárias distintas (RM 33):

“... povos, grupos humanos, contextos sócio-culturais onde Cristo e o seu evangelho não são conhecidos...”

“... comunidades cristãs que possuem sólidas e adequadas estruturas eclesiais, são fermento de fé e de vida...”

“... existe a situação intermediária (...) onde grupos inteiros de batizados perderam o sentido vivo da fé (...) torna-se necessário uma nova evangelização, ou re-evangelização”.

O papa continua: “Sinto chegado o momento de empenhar todas as

forças eclesiais na nova evangelização e na missão “ad gentes”. Nenhum crente, nenhuma instituição da Igreja pode esquivar-se deste dever supremo: anunciar Cristo a todos os povos” (RM, 3).

A Conferência dos Bispos do Brasil recomenda: cada Igreja Particular deve se organizar como Igreja Missionária (cf. Doc. 40, nº 124); cada congregação ou instituto religioso deve estar inserido na ação missionária da Igreja e ser uma “presença dinamizadora do espírito missionário... Mesmo as ordens religiosas de vida contemplativa, por sua especial vocação e carisma, assumem a dimensão missionária” (Doc. 40 CNBB nº 128).

A renovação do dinamismo missionário renova a Igreja, fortalece a fé e a identidade cristã, traz novo entusiasmo e novas motivações. “A fé se fortalece dando-a” (RM 2; cf. 77; AG 37).

Sem dúvida, a abertura para a missão fará também rejuvenescer as congregações e institutos religiosos. Deixemo-nos guiar pelo Espírito Santo em nossos planos e projetos, nas iniciativas e atividades evangelizadoras.



QUESTÕES para ajudar a leitura do texto ou o debate em comunidade:

1. *A ação do Espírito, suscitando a missão, gera multiplicidade ou uniformidade de tarefas?*

2. Você concorda em que, olhando a história da missão na Igreja, todos os renascimentos da mesma se fizeram a partir dos pobres?

3. Qual a importância da presença do Espírito na vida do(a) missionário(a)? O que ela gera objetivamente?

NOTAS

(1) José COMBLIN, Tempo de ação, p. 21. (2) Ibid., p. 29. (3) José COMBLIN, O Espírito Santo e sua missão, p. 73. (4) Ibid., p. 75. (5) Ibid., p. 67. (6) José COMBLIN, O Espírito Santo e a libertação.

BIBLIOGRAFIA

CNBB. A Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo

do trabalho, da política e da cultura, São Paulo, Paulinas, 1988.

COMBLIN, José. O Tempo da Ação: ensaio sobre o Espírito e a história, Petrópolis, Vozes, 1982.

———, O Espírito Santo e sua Missão, São Paulo, Paulinas, 1984.

———, O Espírito Santo e a Libertação, Petrópolis, Vozes, 1988 (2ª ed.).

PAULO VI. Exortação apostólica sobre a evangelização no mundo contemporâneo (EN), São Paulo, 1975.

Experiência de Deus e Oração

Entre os elementos definidores da Vida Religiosa, do ponto de vista da teologia, a experiência cristã de Deus tem especial relevo. Tudo tem o seu tempo. Mas há momentos diários, semanais, anuais *mais favoráveis* para instaurar, captar, alimentar e aperfeiçoar esta experiência cristã de Deus. São momentos de privilegiada possibilidade de abrir-se para a dimensão da fé, pela ação do Espírito, e acolher a Deus que nos visita.

— *Cite um exemplo.*

A oração pessoal e comunitária: formal, informal, vocal, mental, corporal, litúrgica, bíblica. Fazer da vida uma oração. Momentos intensivos de oração e momentos extensivos de ressonância da oração. Não há oração sem vida. E não haverá vida sem sua constante conversão em oração.

— *Mas, como?*

Não sei. Pode até parecer impossível. Lembre-se, porém: nos impossíveis humanos vence e triunfa o poder de Deus. O segredo de nosso trabalho só virá de uma postura de prontidão ilimitada, de abertura incondicional, de profunda contemplação, pois numa vida cristã retamente ordenada, como a Vida Religiosa se propõe ser, o humano se ordena ao divino e a ele se subordina; o visível ao invisível; a ação à contemplação; o presente à cidade futura que buscamos. É fundamental alimentar pela vida a oração e traduzir a oração na vida (Pe. Marcos de Lima, SDB).

ÚLTIMA PÁGINA

CRB — XVI ASSEMBLÉIA GERAL

Pe. Marcos de Lima, SDB

— *A CRB não parece um pouco alienada?*

NÃO, absolutamente. Nem é nem parece. Digo lucidamente o que penso. Ninguém pode esperar de suas instituições mais do que elas se propuseram a oferecer. *SER* e pensar, agir e falar diferentemente do *SER* é um erro de múltiplas conseqüências na vida das pessoas porque gera e amplia frustrações. A CRB se propõe mobilizar suas energias, entrar em equação com sua época, exprimir na própria vida a trama dos problemas em que se debatem a sociedade e a Igreja a que pertence, testemunhar para assegurar eficácia à própria palavra, mas só no que se refere ao *SER* da Vida Religiosa. Engajar-se em 'hobbies' outros seria como um instrumentista que, num concerto, de repente, continuasse a executar exatamente todas as notas mas em clave trocada... Um absurdo e uma loucura!

— *Então, a CRB é prudente. O que é a prudência?*

Tendência natural ao equilíbrio de um meio-termo entre extremos, de uma mediania sem se contaminar pela tentação da mediocridade. *Necessidade fundamental* de apreender o futuro próximo através do conhecimento profundo do passado. **PRUDÊNCIA**: atender, simultaneamente, à experiência do passado e a uma visão harmônica do futuro, combinando racionalmente o espírito de audácia com o espírito de proporção. É a prudência que transforma a CRB em caixa de ressonância com apurado sentido aglutinador e seletivo.

— *Qual é o papel do Presidente na CRB?*

Vários papéis que o Presidente exerce são, por si, naturalmente evidentes. Dispensa comentários. Quero relevar, por isso, um papel mais latente. A CRB vive um *PROCESSO*. Em qualquer domínio de atividade ou conhecimento, processo significa caminhar seguro para frente, com passos que se representam por atos ou acontecimentos integrados na concepção clara e responsável do fim a alcançar. Sem este sentido se esvazia a palavra de seu conceito específico. Inverter a ordem destes atos, suscitar, na trajetória, acontecimentos que conflitam com a natureza do processo, são modos de travar a marcha da própria instituição. Para este possível *TUMULTO*, na acepção da linguagem jurídica, o Presidente exerce um *papel saneador*. Evita retardamentos que comprometem a normalidade. Foge à paralisia ou, pior ainda, à degenerescência. Quem preside não pode se contentar apenas com arranjos verbais. *AGE* porque da falta de oportunos ajustes saneadores decorre a maioria dos desajustes. □



Rua Alcindo Guanabara, 24 — 4.º andar / Cinelândia / Tel.: (021) 240-7299
20031 Rio de Janeiro, RJ

Prezado Assinante:

Rio de Janeiro, RJ
julho/agosto de 1992

A Palavra de Deus é a fonte primordial da espiritualidade porque gera e mantém a fé. E a fé, alimentada e expressa pela oração, suscita o testemunho e transforma o Religioso em apóstolo. Frente a esta Palavra, crer naquilo que se lê. E ler para ampliar aquilo que se crê.

“Se alguém me ama, guardará minha palavra e meu Pai o amará, e a ele viremos e nele estabeleceremos morada. Quem não me ama não guarda as minhas palavras. E a palavra que ouvis não é minha, mas do Pai que me enviou. Estas coisas vos tenho dito estando entre vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará e vos recordará tudo o que vos disse. Deixo-vos a paz, a minha paz vos dou; não vo-la dou como o mundo dá. Não se perturbe nem se intimide o vosso coração”, Jo 14, 23-27.

Nestes breves cinco versículos, ao menos, três temas relevantes: o cristão, morada de Deus; a promessa do envio do Espírito Santo e o dom da paz.

É ensinamento, mais ou menos, explícito de todo teólogo que a **santidade consiste nesta união de cada um com Deus**, por Cristo, a fonte de toda graça e santificação. Efetivamente, Cristo, com o Pai e o Espírito, é proclamado o **único Santo**. Dele decorre totalmente a santidade de cada um. A santidade é sempre descrita mediante a **categoria ‘união’** com Deus, por Cristo. Pela união nossa com Cristo e, nele, com o Pai e o Espírito vivemos, tanto na ordem ontológica quanto na moral e intencional, a vida própria de Deus e a vida do próprio Deus. A importância dos sacramentos, especialmente o batismo e a eucaristia, se explica exatamente mediante a função que eles têm de **nos unir** a Cristo mediante o dom especial do Espírito que nos conferem. “Se alguém me ama, a ele viremos e nele estabeleceremos morada”.

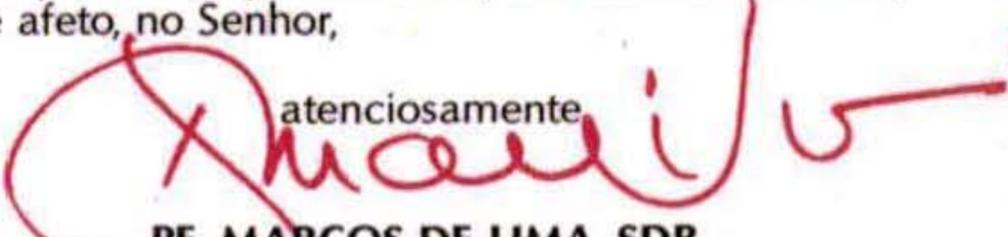
O Espírito Santo é a memória, a cada momento, das ações e das palavras de Jesus. Ele vence todas as nossas formas de amnésia. À luz da paixão, morte e ressurreição, ele interpreta, de modo autêntico, tudo o que Jesus fez e ensinou. A ação do Espírito Santo é uma realidade que brota aos borbotões como fruto da páscoa de Jesus. Ele dará testemunho diante da consciência do fiel, pois ninguém, no mais recôndito de seu ser, dirá Jesus é o Senhor senão por sua inspiração. Confirmará a fé e devolverá a cada um toda a segurança cristã. Ele é Santo porque e enquanto **nos une** a Cristo e nele nos torna participantes da vida divina. Procede do Pai e do Filho e ao Pai e ao Filho nos conduz, recapitulando tudo em Cristo. “O Espírito Santo, que o Pai enviará em meu nome, vos ensinará tudo e vos recordará tudo”.

O dom da paz é sinônimo de SERENIDADE. Não perder a cabeça; sinônimo de tranquilidade da ordem exterior, sinal da harmonia com Deus que reina no interior. Paz, exercício diário da justiça para sua construção estável. É sinônimo, também, de **CORAGEM**, destemor, quase audácia, para ir em frente. Nada de medo, perplexidade, perturbação, intimidação. Coragem: ganhar a guerra. Serenidade: não perder a vitória. PAZ-SHALON. Superar tudo o que impede a justiça, afasta a caridade, dificulta a amizade. A paz de Cristo, em sua realidade mais íntima, pertence ao mundo futuro. É promessa escatológica. Ela só se manifesta na vida terrena à medida em que as realidades transcendentais se enraízam no pensamento e ação dos homens. Os critérios para se construir esta paz e dela gozar são dedutíveis apenas do mistério de Cristo. O único caminho viável para atingi-la é o amor. Amar como Cristo amou. Amou e doou-se até doer, até morrer. “Deixo-vos a paz. Não se perturbe o vosso coração”.

O Espírito Santo ilumine, em profundidade, seu espírito, Religioso e Religiosa, estimulando todas as faculdades para VIVER o cristianismo, isto é, identificar-se com Cristo. Esta iluminação e esta identificação produzem a paz.

DEUS, de quem todo **DOM** perfeito provém, o abençoe e o guarde são e salvo; volte para Você o seu rosto de olhar sereno e lhe conceda a bênção, o perdão e a paz. **MARIA**, Mãe de Deus e nossa, também, intervenha por nós. Amém. Com estima e afeto, no Senhor,

atenciosamente


PE. MARCOS DE LIMA, SDB

Redator-Responsável/Convergência